



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**MAPEAMENTO HISTÓRICO DIGITAL LGBT DE ARACAJU: A
INVISIBILIDADE DO PATRIMÔNIO LGBT E A TECNOLOGIA COMO
ESPAÇO DE DIVULGAÇÃO**

JULIA BEATRIZ SILVA VICENTE CHAVES

SÃO CRISTÓVÃO

2022

MAPEAMENTO HISTÓRICO DIGITAL LGBT DE ARACAJU: A INVISIBILIDADE DO PATRIMÔNIO LGBT E A TECNOLOGIA COMO ESPAÇO DE DIVULGAÇÃO

JULIA BEATRIZ SILVA VICENTE CHAVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de História da Universidade
Federal de Sergipe para a obtenção do título de
Licenciada em História.

Orientador: Prof^a Dr^a Janaina Cardoso de Mello

SÃO CRISTÓVÃO

2022

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Aislaina, meu alicerce, que sempre me deu força e incentivo para continuar, independente de minhas escolhas.

Ao meu irmão, João Lucas, que sempre me apoiou em tudo que produzi.

Ao meu pai, João Vicente, que apesar de não poder ler isso, investiu na minha educação.

À Isla, pela assistência e pela presença.

À Laís Dantas, que esteve presente nos bons e nos maus momentos, sendo suporte das minhas decisões.

A Pedro Fernandes, que me auxiliou nessa jornada epistemológica.

À Rita, que me ajudou com a fé.

Ao Cinttec, à Maria e a Martins por terem permitido conhecer a pesquisa tecnológica.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Janaina Mello, que me instruiu e acompanhou durante toda minha jornada acadêmica.

A Zé.

RESUMO

O presente trabalho objetiva realizar o mapeamento digital dos patrimônios LGBT de Aracaju, mediado pela problematização referente a esse patrimônio. Entende-se que há uma dificuldade relativa à apresentação e à divulgação dos lugares de memória relativos à cultura e à identidade LGBT aracajuana que, de certo modo, implementa um processo de invisibilização a esse grupo social. Nesse sentido, compreendeu-se que a criação e a implementação de um mapa digital para a exposição e a propagação desses ambientes, para isso, foi necessário buscar bibliografias, reportagens, analisar os cenários sociais e históricos de Aracaju, para constituir a possibilidade de criação de um mapa identitário e cultural, perpassando por modelagem 3D dos espaços patrimoniais LGBT de Aracaju e implementação em ambiente virtual que possibilita interação, dinâmica e fluidez, possível de aplicação dentro da ensino-aprendizagem, voltada à educação patrimonial, cultural e tolerante.

Palavras-chave: mapeamento digital; patrimônios LGBT; Aracaju; ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The present work aims to carry out a digital mapping of the LGBT heritage of Aracaju, mediated by the problematization related to this heritage. It is understood that there is a difficulty related to the presentation and dissemination of places of memory related to LGBT culture and identity in Aracaju, which, in a way, implements a process of invisibilization of this social group. In this sense, it was understood that the creation and implementation of a digital map for the exposure and propagation of these environments, for this, it was necessary to search for bibliographies, reports, analyze the social and historical scenarios of Aracaju, to constitute the possibility of creating of an identity and cultural map, passing through 3D modeling of the LGBT heritage spaces of Aracaju and implementation in a virtual environment that allows interaction, dynamics and fluidity, possible application within teaching-learning, focused on heritage, cultural and tolerant education.

Keywords: digital mapping; LGBT heritage; Aracaju; teaching-learning.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Disposição dos espaços LGBT na Grande Aracaju.
- Figura 2 - Localidades aplicadas ao mapeamento
- Figura 3 - Disposição inicial do mapeamento
- Figura 4 - Disposição final do mapeamento
- Figura 5 - Estágio inicial da modelagem dos espaços
- Figura 6 - Modelagem inicial da ASTRA
- Figura 7 -Modelagem da CasAmor
- Figura 8 - Modelagem da Remonta.
- Figura 9 - Modelagem da Universidade Federal de Sergipe
- Figura 10 - Modelagem do Macaw e do Vegas
- Figura 11 - Modelagem do Museu da Gente Sergipana.
- Figura 12 - Modelagem do Museu da Gente Sergipana.
- Figura 13 - Modelagem aplicada da Feirinha da Gambiarra
- Figura 14 - Modelos implementados ao mapa
- Figura 15 - Modelos implementados ao mapa
- Figura 16 -Visão de cima da disposição dos espaços
- Figura 17 - Mapa
- Figura 18 - Tela inicial do Hubs Mozilla com mapa aplicado
- Figura 19 - Qr Code aplicado ao mapa no Mozilla Hubs
- Figura 20 - Qr Code e vídeo aplicado ao mapa no Mozilla Hubs.
- Figura 21 - Informações aplicadas ao Mozilla Hubs.
- Figura 22 - Informações aplicadas ao Mozilla Hubs.
- Figura 23 - Exposição realizada dentro do Mozilla Hubs.
- Figura 24 - Usuário lendo as informações postas no mapa

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Qual sua sexualidade?

Gráfico 2 – Você se sente representado por esses espaços culturais?

Gráfico 3 – Você já sofreu alguma agressão (física, verbal, simbólica) em algum dos espaços citados?

Gráfico 4 – Você já foi em alguma exposição/patrimônio/evento com temática LGBTQIAP+ em algum desses espaços culturais?

Gráfico 5 – Você acredita que esses espaços (galerias de arte, museus, cinemas, teatros, patrimônios) acolhem e incluem a população LGBTQIAP+ em suas produções e exposições?

Tabela 1 – Quais desses espaços você costuma frequentar?

Tabela 2 – Qual o motivo pelo qual você não se sente confortável em frequentar espaços culturais?

LISTA DE SIGLAS

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Humana

ASTRA - Associação de Travestir e Transgêneros de Aracaju

Covid-19 - Coronavírus

HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana

IA - Inteligência Artificial

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis
LGBT+ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e outros

LGBTQIAP+ - Lésbicas, gays, transexuais, travestis, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e outros.

MOLS - Movimento de Lésbicas de Sergipe

STEAM - Ciências, tecnologia, engenharia, artes e matemática

STEM - Ciências, tecnologia, engenharia e matemática

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	3
ABSTRACT	5
LISTA DE FIGURAS	6
LISTA DE GRÁFICOS	7
LISTA DE SIGLAS	8
SUMÁRIO	9
1. INTRODUÇÃO	10
2. A HISTÓRIA, A INVISIBILIDADE E A MEMÓRIA: O PROCESSO PATRIMONIAL E A REALIDADE LGBT EM ARACAJU	11
2.1 A SEXUALIDADE, A IDENTIDADE E A HISTÓRIA	13
2.2 LGBT: ENTRE O MUNDO, O BRASIL E ARACAJU	18
2.3 A REALIDADE LGBT EM ARACAJU: OS PATRIMÔNIOS E O LUGAR DA MEMÓRIA	21
2.3.1 O PATRIMÔNIO LGBT EM ARACAJU	27
2.3.2 PATRIMÔNIO E CULTURA: Os grupos militantes, os espaços de convivência e das personalidades LGBT em Aracaju	29
3. A TECNOLOGIA A FRENTE DO PROCESSO EDUCACIONAL	35
3.1 AS TECNOLOGIAS, UM CENÁRIO FICTÍCIO OU REAL?	35
3.2 LETRAMENTO DIGITAL E O ENSINO TECNOLÓGICO NO BRASIL	38
4. MAPEAMENTO DIGITAL: ESPAÇOS E MEMÓRIA DA COMUNIDADE LGBT EM ARACAJU	41
4.1 MAPEAMENTO DIGITAL: MOTIVAÇÃO E DELIMITAÇÃO DOS ESPAÇOS	41
4.2 PROCESSO DE CONSTRUÇÃO	44
4.3 IMPLEMENTAÇÃO DO MAPA	52
4.4 FUNCIONALIDADE	54
4.4.1 ESPAÇO DE DIVULGAÇÃO DO PATRIMÔNIO E DA IDENTIDADE LGBT	55
4.4.2 UTILIZAÇÃO DENTRO DO AMBIENTE DE ENSINO-APRENDIZAGEM: um trabalho histórico, artístico e cultural	55
4.4.3 ESPAÇO DE INTERAÇÃO COM USUÁRIOS E LETRAMENTO DIGITAL	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57

1. INTRODUÇÃO

Precisa-se entender que a história, a invisibilidade e a memória estão atreladas a si dentro do espaço-tempo, com elas, os empreendimentos políticos, sociais e econômicos são conferidos e aplicados. Porém, as possíveis ausências presentes dentro desse contexto perpassam pelo preconceito, pela discriminação e pela violência, afetando a vida de grupos sociais inteiros. Dentro dessa assertiva, entende-se a importância de verificar os espaços sócio-históricos relacionados à identidade LGBT, compreendendo sua relação com a educação e a aceitação social.

Entende-se que a construção social e a história de Aracaju desprivilegia e marginaliza as construções e a luta LGBT no município, direta ou indiretamente. Compreendendo, portanto, a necessidade da elaboração de artifícios que apresentem à sociedade sergipana, aracajuana e brasileira a existência de ambientes culturais, históricos e sociais LGBT positivamente, isto é, descaracterizando sobre as visões preconceituosas e discriminantes insistentes dentro de Aracaju.

Para isso, constrói-se uma narrativa que visa compreender o espaço de formação social, histórico e cultural sergipano, a partir da realização de um mapeamento digital dos patrimônios e dos lugares de memória LGBT de Aracaju, apresentando o patrimônio histórico e cultural da cidade, observando o processo de invisibilização e inferiorização ao decorrer da história sergipana. Nesse contexto, promove-se a necessidade de elencar uma setorização para validar os espaços, diante de seus vieses sociohistóricos.

Logo, objetiva-se compreender a invisibilidade dos lugares de memória e dos patrimônios LGBT em Aracaju quanto às ações de repressão e de opressão a este grupo social, entendendo os ambientes de circulação e de exposição de identidades e de sexualidades de uma forma segura, mas também os locais de demais contato, como museus, galerias de arte, cinemas e patrimônios materiais. Além disso, busca-se pesquisar e percorrer esses patrimônios LGBT de Aracaju, entendendo sua história e sua importância para a memória, a luta e a identidade desses espaços para a população de Sergipe, através de um agrupamento entre grupos de apoio ou acolhimento, espaços de convivência e personalidades LGBT de Aracaju. Em vista da análise atual referente a conjuntura e a produção tecnológica que permeia a sociedade mundial, frente aos seus desafios e as suas perspectivas sociais e

educacionais. Por fim, entende-se a necessidade de produzir um mapeamento digital dos espaços pesquisados, apresentando o seu valor e o seu significado à história de Aracaju.

Portanto, pretende-se produzir um mapeamento para que seja possível visualizar a existência de espaços LGBT em Aracaju e reafirmar sua potência cultural, histórica e social à população sergipana. De forma que seja possível empreender sobre a importância de se valorizar os lugares de memória e o patrimônio LGBT de Aracaju, ao passo de expor a necessidade de promover espaços de interação e de divulgação histórica e cultural seguras, acessíveis e representativas à população LGBT, a fim de construir ambientes democráticos e contrários à LGBTfobia que emana da sociedade brasileira, sergipana e aracajuana. Permitindo, assim, que a cultura seja um vetor para a promoção de um espaço de socio-aprendizado politizado e igualitário.

2. A HISTÓRIA, A INVISIBILIDADE E A MEMÓRIA: O PROCESSO PATRIMONIAL E A REALIDADE LGBT EM ARACAJU

A história LGBT é marcada por um longo processo de marginalização e de banalização, cercada de violência e de exclusões, mas também há uma realidade de luta, de resistência e de conquistas. Dentro desse contexto, a transição de espaços físicos e a ascensão de identidades inerentes ao corpo surgem dentro de um processo de ressignificação de imagens, de lugares e de patrimônios, isto, aplicados à educação constituem uma realidade de compreensões sobre a constituição da identidade e da realidade LGBT frente ao processo histórico de invisibilidade da memória. Para compreender isso, é preciso perpassar por algumas construções e perpetuação da sociedade.

Inicialmente, entende-se que a realidade LGBT é marcada por um processo de relativização de violências e do apagamento dos espaços sócio-históricos, seja diante à dissolução desses ambientes, seja pela à ausência de divulgação da voz das *minorias*, consolidando e perpetuando o “discurso da heterossexualidade hegemônica” (OLIVEIRA, 2020, p. 53). Dentro disso, verifica-se uma instauração de uma sociedade que piramidiza a aceitação de pessoas de acordo com suas características, em que o homem-branco-cis está dentro do ambiente de

aceitabilidade em contrariedade tangente a mulher-negra-trans. Pode-se, assim, notar um processo de higienização social perpetuado ao decorrer do tempo (BRITZMAN, 2021, p. 128) da realidade posta aos olhos de todos que, ainda assim, é relativizada e perpetuada.

Em perspectiva, observa-se também a realidade voltada à memória como discurso, em que, pode-se “resgatar a perspectiva histórica e problematizar a opção dos gestores das organizações a respeito do que lembrar — e do que esquecer” (COSTA e SARAIVA, 2011, p. 1764). Correspondente a isso, a memória funciona como um construto social voltado e articulado para atender interesses de grupos sociais específicos. Halbwachs, por sua vez, caracteriza a memória como algo que pode ser colocado diante outro aspecto, como a adesão de uma memória afetiva, que desenvolvendo essas comunidades afetivas, porém ele reforça o aspecto da seletividade da memória (HALBWACHS apud POLLAK, 1989, p. 3) que, para esta pesquisa torna-se fundamental para tratar sobre os silenciamentos da comunidade LGBT e do seu patrimônio histórico-social.

No que se manifesta, é importante ater para o patrimônio como um objeto posto às influências do meio, assim, da memória e do esquecimento, na qual as manipulações histórico-sociais permeiam o discurso que está envolvido dentro dele. Diante do fato que, “a problemática do esquecimento é a mais vasta, na medida em que o apaziguamento da memória, em que consiste o perdão, parece constituir a última etapa de um percurso do esquecimento” (RICOEUR, 2007, p. 423), pode-se referenciar essa afirmativa com o processo de distanciamento entre sociedade e patrimônio, diante manobras de afastamento e de dissolução da noção de pertencimento, causando danos ao patrimônio e à sociedade.

Ao contexto de descaso para com as *minorias sociais*, como aos LGBT e outros grupos que são postos diante a um mesmo contexto, sem observar seus recortes e suas necessidades. O patrimônio é uma válvula de pertencimento que faz-se necessário observar de maneira mais incisiva, visto que, se um dia foi um movimento aristocrático e individual, hoje ele envolve a coletividade e o social (FUNARI e PELEGRINI, 2009, p. 15), ou deveria envolver. Em fato, o discurso da memória poderá ser utilizado para construção do discurso em que a história revela-se como um “jogo de revelação e encobrimento, de manifestação e ocultação” (ROSSI, 2010, p. 17). Ideia essa facilmente compreendida dentro do

processo de silenciamento e de apagamento sobre a história e o patrimônio histórico LGBT aracajuano.

Desse modo, precisa-se compreender a importância de trazer uma análise sobre o papel dos espaços de memória – observando seu trabalho para a perpetuação ou a dissolução dos preconceitos – diante da realidade das pessoas LGBT de Aracaju. Compreendendo suas influências quanto à formação de identidade e compreensão de sexualidade, em que se verifica a importância empreendida dentro dos espaços de memória, ao qual são submetidos à história e à cultura. Ao passo que se manifesta o diálogo com a educação como válvula de divulgação e de dispersão do conhecimento sobre os patrimônios e a história LGBT em Aracaju.

2.1 A SEXUALIDADE, A IDENTIDADE E A HISTÓRIA

A sexualidade, para Foucault, é um dispositivo histórico (1993), que, por sua vez, pode ser estruturado dentro de uma perspectiva de dispositivos de poder que agem pela e sobre a sociedade. Dentro disso, as sexualidades e as identidades de gênero perpassam por uma estigmatização – relacionada ao que seria *correto* socialmente, oprimindo e reprimindo grupos dissidentes –, essa funcionalidade perpassa por uma narrativa construída em cima do homem-branco-cis-hétero como ser dominante da sociedade, identidade essa posta então como a correta e a que deve ser seguida. Assim, será trabalhado o tema com base nessa perspectiva – concepções foucaultianas e seus desdobramentos ao longo do tempo –, diante das modulações sujeitas pelo tempo e as modificações sociais consecutivas, dentro da corrente da história cultural.

Ao se apresentar a ideia que circunda o patrimônio, faz-se necessário dialogar sobre suas ausências, posto que é sobre isso que se trata o projeto. Elencar sobre o silenciamento e o apagamento dos patrimônios, da história e da cultura LGBT+ frente ao contexto geral dito como normatividade. Pessoas LGBT+ são postas além da margem da sociedade (OLIVEIRA 2020), são impostas a um outro espaço, a parte do que é visível para a sociedade que pertence a determinada normatização, como é discutido por Natalia Polesso (2021) – ao apresentar como as lésbicas são compreendidas pela sociedade –, sendo uma prerrogativa primordial na elaboração desse projeto, compreendido o aspecto de que o patrimônio, os lugares de memória e os espaços estão intrinsecamente conectados ao contexto da

aceitação, da identificação e ao pertencimento. Frente a noção de que, para se debater sobre os aspectos elencados anteriormente, necessita-se compreender as limitações impostas à população LGBTQIAP+. Assim, Polesso destrincha em seu texto

não creio existir um universo paralelo, onde habitam as lésbicas. Habitamos todes num mesmo universo e se há um problema mesmo para nos fazermos visíveis, se há também uma necessidade de nos fazermos visíveis para algum propósito alheio, isso é muito estranho. Somos invisíveis até que algo acontece para que o olho do outro nos conceda a existência conjunta. Estamos segregadas a outra dimensão e a menos que haja algum ato de abertura, continuamos alheias. Melhor continuam alheios a nós. A menos que tenham algum interesse legítimo e/ou perverso. (POLESSO, 2021, p. 15)

Sua visão corrobora com Megg Rayara, que fundamenta com a elaboração do espaço que o homem negro gay ocupa dentro da sociedade. Em que, por sua vez, está dentro de uma concepção histórica e perpetuada de erotização, compreendida em sua abordagem ao dizer que “o homossexual hegemônico, aquele estandarizado pelas publicações especializadas, é baseado no triúno dos músculos e da virilidade sobre as demais identidades e corpos possíveis” (OLIVEIRA, 2020, p. 19). Isto é, a figura do LGBTQ+ está a serviço da visão normatizadora da sociedade, posta diante a atenção das necessidades daqueles que oprimem, de uma forma contraditória, porém efetiva, escrachado o aspecto irracional da visão conservadora.

Para elencar sobre a relação entre a Identidade LGBTQ+ e o Patrimônio LGBTQ+ em Aracaju, constitui-se um processo de estudo de caso. Visto que, o modelo engendrado na pesquisa corresponde a analisar materiais que refletem à sociedade LGBTQfóbica que infere sobre os espaços de memória e reprimem, em um movimento cíclico, a população LGBTQ+ aracajuana. De certa forma, pode-se dizer que o olhar prioriza o olhar cultural e social. Diante disso, a pesquisa e o estudo sobre materiais de autores – historiadores, filósofos, sociólogos e antropólogos – acaba por ser requisitada. Perpassando, assim, pela leitura e compreensão de fenômenos sócio-históricos – como a constituição dos espaços de memória e a repressão à história LGBTQ+ frente às consequências que a ausência de representação reverbera sobre a identidade das pessoas LGBTQ+ aracajuana. Em certo, a fim de mapear os patrimônios e os espaços de memória LGBTQ+, procura-se elencar o conjunto de materiais possíveis para que seja possível compreender suas existências e suas resistências, diante das fundamentações em revistas, em catálogos e outros.

Em continuidade, Guacira Lopes reafirma essa questão quando aponta que “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (2021, p. 12). Ou seja, essa relação transcende os aspectos sobre as noções da sexualidade e da identidade, isto é, a afirmação da identidade do homem-branco-cis-hétero como a normativa a ser seguida reduz as demais, porém reafirma a existência de outras identidades, do mesmo modo, que empreende sobre a construção das identidades diante os dispositivos históricos, referenciando e determinados por contextos e espaços específicos.

Pode-se compreender que visto a criação da identidade perpassa por uma relação histórica e social, a qual todos os indivíduos estão sujeitos, diante da ideia de subjetivação, apontada por Deleuze e Gatarri (1997). Mas, de certo modo, observando também a expectativa frente a fabricação da identidade do indivíduo através da subjetividade, em que é produzida através das inserções sociais de um sujeito (GATARRI e ROLNIK, 1996 apud MANSANO, 2009, p. 111). Em continuidade, é possível relacionar determinado processo a Jeffrey Weeks, posto a ideia de individuação e formação da identidade relacionada diretamente “às palavras, às imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo” (WEEKS, 1993, p. 6 apud LOURO, 1997, p. 22). Em que se condensa a descrição de Foucault apontada por Deborah Britzman que a sexualidade não apenas “como desenvolvimento ou identidade, mas como historicidade e relação” (2021, p. 128).

Diante disso, pode-se relacionar a importância do patrimônio e da cultura para construção da identidade e do pertencimento social de pessoas dissidentes ao padrão social, nesse caso, as pessoas LGBTQIAP+. Partindo do suposto sobre o alargamento da noção de patrimônio histórico (BRITTO e MACHADO, 2020, p. 5, podemos compreender que patrimônio é aquilo que representa algo, passível de promover identificação, acolhimento, conhecimento. Assim, compreende-se a respeito da ideia de patrimonialização um percurso

sobre o processo de seleção visando à patrimonialização: coloca-se em discussão hoje a representatividade social do processo de seleção de bens culturais que se tornam patrimônio seja por meio do tombamento seja por meio do registro, bem como dos processos instaurados para compartilhamento dessa seleção e indicação de sua consagração pela chancela do Estado. (CHUVA, 2012, p. 22)

Ou seja, a ideia de patrimônio é alargada, assim, o tombamento e o registro não são os únicos meios de alcançar a ideia de patrimônio. Essa realidade permite, hoje em dia, uma adesão social e um compartilhamento sobre a representatividade maior, conseqüentemente, promovendo benefícios sobre a cultura e a história. Assim, grupos marginalizados socialmente, podem alcançar relações com o patrimônio histórico, cultural e social de uma forma intensificada, seja pela Escola, pelo Estado ou dentro da própria comunidade social.

No entanto, embora a relação entre coletividade e individualidade com a história e a cultura tenham se tornados pontos divisores sobre o patrimônio (FUNARI e PELEGRINI, 2009), precisa-se retornar para a ideia de opressão, repressão e silenciamento de grupos minoritários, como pessoas pretas, LGBTQ+, mulheres. Nessa constante, reverbera-se a Paulo Freire a ideia de que “a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (FREIRE, 2021, p. 37). Isto é, o preconceito e a discriminação mitiga a ascensão de movimento representativos e impulsionadores da formação identitária e do pertencimento à sociedade, visto, novamente, aos processos de cerceamento, de inferiorização e de violência impostos às pessoas dissidentes.

Coloca-se, assim, a Educação em pauta, visto que os centros educacionais formais e informais são transmissores de saber, capacitados e responsáveis pela formação de identidades. É importante compreender que há um projeto pedagógico de disciplinamento de corpos e de identidades, Lopes relata sobre Carrigan e sua reflexão sobre as escolas inglesas que “nas escolas [...] os corpos são ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, examinados, aprovados (ou não), categorizados, magoados, coagidos, consentidos” (CORRIGAN, 1991, p. 210 apud LOPES, 2021, p. 20-21). Essa reflexão não difere da realidade brasileira, segundo Oliveira, “a escola, então, participa da produção de indivíduos disciplinares pela aplicação dos exercícios de poder” (2020, p. 54). Ou seja, a Escola é um agente que funciona diante a estrutura estatal que, dessa forma, está relacionada com a perpetuação de um modelo heteronormativo, em que aqueles que não seguem esse modelo são cerceados e violentados, no qual suas identidades e suas histórias são silenciadas.

Em diálogo, é relevante ater-se para um outro ponto fundamental para continuidade dessa ideia, posta a visão de Natalia Polesso (2018), ao abordar o processo de “geografias lésbicas”, conceito esse que, por sua vez, poderá ser

alargado para a população LGBTQ+ como um todo, apesar das formas de opressão e de repressão serem executadas de distintas formas e com diferentes processos históricos ao qual pessoas gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais foram impostos, cabe compreender que os espaços aos quais se faz a luta e o processo de aceitação em Aracaju caminha diante uma frente necessária de união, sendo necessária, notoriamente, compreender a interseccionalidade existente em cada pessoa. Porém, nesse sentido, Polesso discorre

As geografias lésbicas dizem respeito às possibilidades de encontrar, resignificar e criar espaços onde o trânsito das lésbicas e/ou mulheres queer seja possível. As geografias lésbicas fornecem uma crítica importante das intersecções do patriarcado, dos sexos, da homofobia e do heterossexismo, bem como a garantia de que as lésbicas e as espacialidades femininas (sic) queer tornem-se visíveis. (POLESSO, 2018, p. 6)

Com base nisso, é importante compreender mais profundamente a relação entre o patrimônio e a formação da identidade e da sexualidade LGBTQ+. Para isso, Britzman consegue transpor sobre a ideia de como a educação – em que poderá perpassar facilmente pelos múltiplos movimento educacionais, assim, compreendendo nesse ponto a educação patrimonial – pode promover a evidência da ideia da construção da identidade, permitindo um suporte necessário e essencial as pessoas LGBTQ+.

teorias sociais sobre a historicidade e o caráter problemático das construções – vistas como relações de poder – a pedagogia poderia, então começar com o pressuposto de que as identidades são feitas e não recebidas e o trabalho do currículo consistiria em incitar identificações críticas, e não em fechá-las. (BRITZMAN, 2021, p. 136)

Essa ideia está intrinsecamente conectada com a ideia de pertencimento produzido dentro de lugares seguros, nesse caso, mediado pela observação do espaço patrimonial e de memória. Em completude, relaciona-se às assertivas de Freire, ao afirmar que

uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. (FREIRE, 2021, p. 42)

A representatividade é o meio para produção de espaços seguros, apontar historicamente a existência de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis,

transsexuais, queer, interssexuais, assexuais, panssexuais é extremamente fundamental para construção da normalização e da aceitação, além do respeito a vida dessas pessoas. Os efeitos dentro da normalização inferem sobre a existência segura dessas pessoas. Assim como traz Freire ao dizer que

mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à assunção do educando por si mesmo (FREIRE, 2021, p. 43).

Assim, Paulo Freire destaca a importância da não-determinação, fator aplicável também ao acolhimento e a não-determinação de gênero e de sexualidades na atualidade, voltado à possibilidade do conhecimento e do reconhecimento do dinamismo quanto à compreensão das identidades de gênero e da sexualidade.

2.2 LGBT: ENTRE O MUNDO, O BRASIL E ARACAJU

Assim como a constituição da realidade mundial, Aracaju está dentro de um retrospecto de construções que, de um lado, há uma política cerceadora, marginalizadora e criminosa, de outro, uma população ameaçada, violentada e apagada. Condições que são, cada vez mais, perpetuadas dentro da sociedade brasileira, apesar das investidas contrárias por parte de pesquisadores, ativistas e políticos, porém, não suficientes para dissolver o processo secular ao qual o país está inserido.

Compreende-se que, é fato que a política brasileira corrobora para o genocídio de pessoas LGBT+, não apenas estruturalmente, mas também institucionalmente, isso possível de ser observado nos modelos de leis construídos desde a colônia. Assim, no âmbito estrutural, pode-se verificar dentro da ascensão de uma sociedade branco-hétero-cis-cristã, a exclusão de uma parcela significativa da população, promovendo uma realidade que reduz oportunidades, mas, sobretudo, limita a vida das pessoas que são postas à margem da sociedade.

No âmbito institucional, além das políticas sócio-administrativas cerceadas por políticos, como a recente tentativa de derrubada da “Emenda ao Programa de Cobertura de Atenção à Saúde” na Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2022, que promove uma cláusula de implementação de um ambulatório Trans em Aracaju, almejando uma melhoria substancial para as condições de saúde dessa população, idealizada por Linda Brasil – vereadora, educadora, ativista pelos direitos da

comunidade LGBTQIAP+ em Aracaju. Logo, faz-se necessária a contribuição de pesquisas para entender a estruturação desse processo e possibilidades de reversão dessa realidade, verificada aqui através dos trâmites empreendidos dentro dos espaços de sociabilidade, dos lugares de memória e dos patrimônios socioculturais aracajuano.

Além disso, pode-se perceber medidas incisivas contrárias à divulgação do patrimônio dessa população, por parte dos museus, dos centros culturais e das cidades, como aponta Baptista e Boita, relatando que “a ausência de ações sobre a questão LGBT nos mais de três mil museus do país é chocante quando se percebe a emergência do genocídio de pessoas LGBT” (2018, P. 253). Nesse âmbito, surge a construção do diálogo frente à Educação, posto os meios educacionais colocados diante maneira limitada e excludente, compreendendo a importância de promover construções direcionadas entre a história, a identidade e a educação.

Diante disso, Foucault observa, anteriormente, a sexualidade como um dispositivo histórico, sujeito a uma sequência sobre a ideia do ser e estando presente dentro dos corpos (1993, p. 100-101). As violências apontadas contra a sexualidade e os corpos, por sua vez, respondem a uma construção social – já citada, referente à dominação da normatização e da supremacia desse *homem-branco-hétero-cis-cristão*. Ou seja, a respeito de um vínculo social estruturado sobre uma heterossexualidade compulsória (RICH, 1984; JACKSON, 1987 apud WEEKS, 2021, p. 64).

Com base nessa ideia, precisa-se afirmar que a “a produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade” (LOPES, 2020, p.33). Isto é, toda movimentação existente dentro da sociedade para negar, condenar e inviabilizar a homossexualidade – assim como as demais orientações sexuais e identidades de gênero – respondem a um comando de reafirmar a heterossexualidade e a cisgeneridade como “o normal”. Ao ser realizado isso, contraditoriamente, reafirma-se a existência de outras sexualidades e identidades, porém, a ignorância social insiste em tentar reafirmar o contrário. De certa forma, assim como apontado por Foucault, essas demandas respondem dispositivos históricos e sociais que se reafirmam como dispositivos de poder, consequentemente, obras de opressão e de repressão.

Esse processo, por sua vez, é engendrado e perpetuado dentro dos ambientes sócio-culturais, afinal, estão imersos dentro da sociedade e,

sistematicamente, respondem às construções sociais engendradas. Nessa assertiva, precisa-se entender como os símbolos e a memória são revertidos para e sobre os espaços sociais, educacionais e patrimoniais, reverberando para a perpetuação dos apagamentos histórico-sociais e identitários da população LGBT. Guacira Lopes (2021) e Megg Rayara (2020) apontam sobre o processo de “disciplinamento dos corpos” promovida por essas instituições de sociabilidade, servindo à manobra política de perpetuação. Assim, da Escola ao Patrimônio, do Lar ao Centro Cultural, exibe-se uma normativa de exclusão e de repressão, ao passo que urge a necessidade de compreender como uma educação patrimonial e a ascensão da visibilidade de patrimônios que observem a carência de referências e de representatividade LGBT positiva, que fomente vivências e experiências à população LGBT+, também, positivas.

Visto que, de um lado, “as identidades são historicamente subjugadas” (LOPES, 2021, p. 38), desde que não correspondam com as normativas empreendidas sistemática e estruturalmente ao longo dos séculos. Assim, “a política de identidade nasce da luta de grupos oprimidos e explorados para assumir uma posição a partir da qual possam criticar as estruturas dominantes, uma posição que dê objetivo e significado à luta” (HOOKS, 2017, p. 120). Ou seja, a opressão e a repressão são agenciadas por variados setores sociais, em que a competência sobre a ideia de normalidade foi estabelecida e perpetuada. Ao observar os espaços de construção históricas, sociais e políticas, percebe-se a estigmatização da figura já citada do padrão social. Seja nos museus, seja na televisão, a figura que se enxerga ainda corresponde aos preceitos estabelecidos secularmente.

Em notoriedade, ao observar patrimônios – principalmente dentro da assertiva da imaterialidade, quanto à luta e às conquistas – existe uma tentativa de inferiorização e disseminação da perspectiva normatizadora dos espaços LGBT, em Aracaju e no Brasil. Correspondente a isso, ao observar as tentativas de patrimonialização da Parada LGBT de São Paulo, que gera benefícios identitários, econômicos, sociais e políticos, o projeto foi negado pela Diretoria do Patrimônio Histórico/Secretaria Municipal de Cultura e Procuradoria Municipal, no qual, posteriormente retorna para processo de análise (BRITTO; MACHADO, 2020, p. 14). Ou seja, observando a ideia sobre o patrimônio, percebe-se a evidente resistência de relacionar a identidade LGBT e a sexualidade aos demais alicerces sociais, sob uma prerrogativa da banalização da cultura, frente ao paradigma preconceituoso e

violento da sociedade. Portanto, dentro do patrimônio reside o processo de ocultamento das identidades e das sexualidades, respondendo aos interesses políticos e ideológicos (BRITTO; MACHADO, 2020, p. 11), referenciados aos dispositivos de poder colocados por Foucault (1993).

Logo, verifica-se, dentro do que foi exposto, o que condiz sob as influências desse ambiente violento e determinante sobre a formação das identidades da população LGBT. Isso frente às noções cerceadoras e limitadoras que lhes são expostas que são auxiliadas pelos espaços sociais, como os lugares de memórias e os patrimônios culturais, que são negligenciados e silenciados pelo setor dominante da sociedade.

2.3 A REALIDADE LGBT EM ARACAJU: OS PATRIMÔNIOS E O LUGAR DA MEMÓRIA

Ao analisar a construção da memória, entende-se que ela perpassa por como a estruturação da sociedade é conduzida, isto é, dentro de um âmbito social cis-heternormativo, compreende-se, como resultado, um ambiente calcado na exclusão de pessoas dissidentes a esse padrão. Ou seja, os espaços sociais básicos (escolas, hospitais, delegacias) e culturais (museus, galerias, teatros, cinemas) são construídos para a atração de pessoas hetero-cis. Dentro desses espaços, verifica-se uma incidência de manifestações LGBTfóbicas, promovendo exclusão dos grupos dissidentes, além da ausência de produções e de atividades que visam acolher e produzir uma comunicação com a população LGBT.

Nessa conjuntura, precisa-se observar que o surgimento de espaços específicos de acolhimento ao público LGBT surgem dentro de um processo de manifestação de resistência. Visa-se ressaltar que esses ambientes não são projetados unicamente com direcionamento político, porém, entende-se que a existência da população LGBT frente a espaços comuns da sociedade são também atos políticos. A par disso, de um contexto de exclusão e de resistência, alguns espaços surgem dentro de Aracaju, verificando história e conexões no processo de divulgação social e de compartilhamento de vivências e de histórias para a população LGBT, mas àqueles que compreendem a importância da inserção deste grupo a conjuntura total do âmbito social.

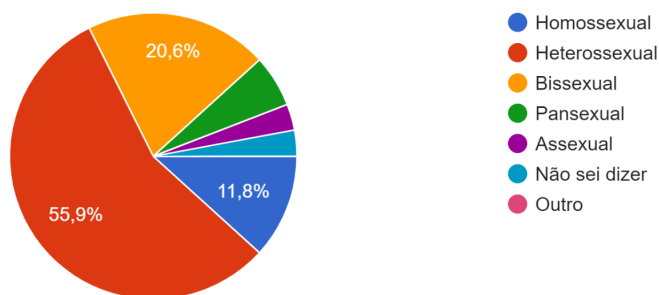
Ao realizar o mapeamento dos espaços LGBT em Aracaju, percebe-se dois pontos: 1. a existência de ambientes para o público LGBT e 2. a existência de locais

com circulação de pessoas LGBT. Em certo aspecto, essas construções irão denotar como a sociedade aracajuana é constituída, assim como várias outras, sobre o espectro da cisheteronormatividade. Entende-se que espaços seguros são diferentes de espaços de circulação de pessoas LGBT. Ao tratar de pessoas dissidentes de gênero e de sexualidade, precisa-se configurar que nem sempre todos os espaços são seguros para expor sua sexualidade. Ou seja, existem nuances dentro da compreensão da usabilidade de espaços, recortes que precisam ser realizados, para compreender com totalidade o modo de uso de espaços culturais, históricos e patrimoniais por parte da população LGBT e como isso reverbera frente a identidade, a história e a resistência LGBT em Aracaju.

Para isso, realizou-se uma pesquisa com um grupo de pessoas que residem em Aracaju, a fim de compreender a utilização dos espaços culturais por parte destas pessoas. Das pessoas entrevistadas, 55,9% considera-se heterossexual, enquanto 41,2% é LGBT e 2,9% não sabe dizer.

Gráfico 1:Qual sua sexualidade?

Qual sua sexualidade?
34 respostas



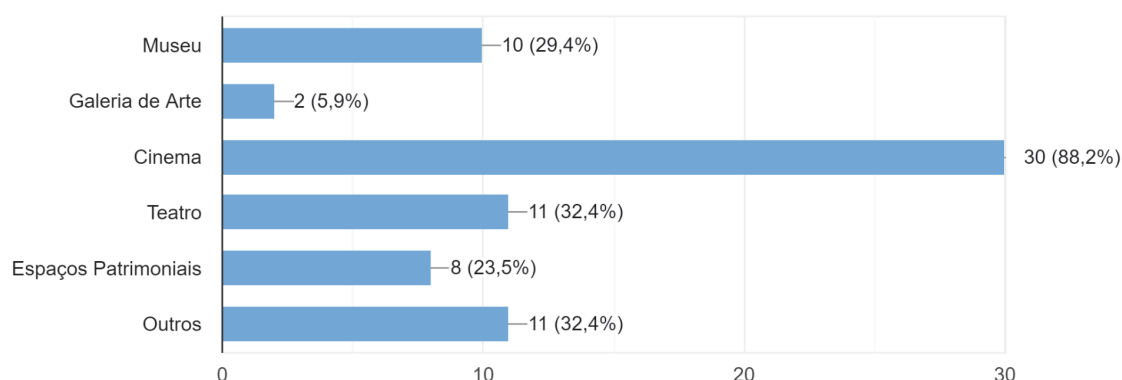
A fim de entender a constituição do grupo de pessoas pesquisado, entendeu-se que os entrevistados advém, em superioridade, em grau de formação no nível superior, porém incompleto, compreendendo 64,7% dos entrevistados. Enquanto, àqueles com Ensino Superior Completo ou possuidores de pós-graduação, mestrado ou doutorado totalizam 11,7% das pessoas entrevistadas. Além disso, 20,6% têm o ensino médio completo e 2,9% têm o ensino médio incompleto. Dentro disso, a faixa-etária que mais ocorre na pesquisa está dentro do

grupo entre 19 e 29 anos, totalizando 88,2% dos entrevistados, em que 76,5% identificam-se com o gênero feminino (cis ou trans).

A compreensão do grupo entrevistado perpassa por entender como o corpo social sergipano é constituído. Isto é, o perfil sergipano perpassa por diversas nuances, recorrendo sobre como e quem participa e interage com diferentes ambientes, dependendo do grau de formação, da idade, da sexualidade e da identidade de gênero, as pessoas podem deixar de frequentar certos ambientes, a fim de promover a auto-preservação.

Dentro da pesquisa, ao serem questionados sobre a frequência em espaços culturais (museus, galeria de arte, cinema, teatro e espaços patrimoniais), entende-se que a recorrência maior está dentro dos cinemas, tendo um índice de 88,2% das pessoas, enquanto, teatro têm a frequência de 32,4%, museus recebem 29,4%, espaços patrimoniais com 23,5% e galerias de arte 5,9%.

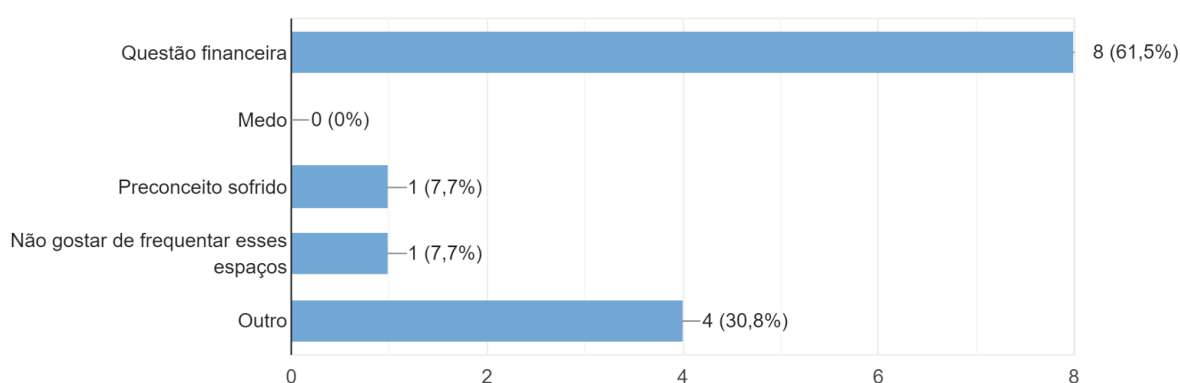
Tabela 1. Quais desses espaços você costuma frequentar?



Dentro desses resultados, pode-se entender alguns pontos: 1. a cultura do brasileiro e do sergipano nos cinemas e 2. a construção de uma sociedade que não conhece os variados ambientes de cultura. O primeiro, por sua vez, adentra-se sobre uma construção midiática brasileira em torno do entretenimento, posto que, o cinema, atualmente, está conectado essencialmente com o entreter, no qual, visa-se atrair uma massa e obter lucros. Sendo esta uma realidade passível de ser compreendida com a invasão aos cinemas de filmes *blockbusters*, que estão à serviço dos fãs das histórias contadas. Porém, não somente, durante muito tempo, o cinema tornou-se uma prática cultural acessível à população, sofrendo com o descaso e com o aumento de preços recentes, transformando, agora, esses espaços em ambientes elitizados e de difícil diálogo com a sociedade.

Diante disso, foi-se perguntando sobre as motivações que poderiam gerar o desconforto por parte dos entrevistados dentro dos ambientes culturais. No qual, 61,5% dos entrevistados colocam a questão financeira como o principal ponto. Segundo Earp (2009), o público frequentador dos cinemas no Brasil sofrerá um processo de oscilação e queda, em razão da situação macroeconômica do país e das peculiaridades do mercado e dos preços dos ingressos. Porém, essa realidade pode ser aplicada também aos demais espaços culturais, visto que a frequência a museus, galerias de arte e patrimônios culturais perpassa também pelo grau de elitização que esses ambientes impõe, em razão de algumas questões, como localização, identificação e representação.

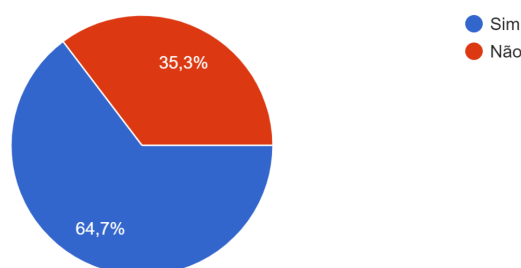
Tabela 2. Qual o motivo pelo qual você não se sente confortável em frequentar espaços culturais?



Em vista desse processo, dos entrevistados 35,3% alegaram não se sentirem representados por esses espaços culturais (cinemas, museus, galerias de arte e espaços patrimoniais).

Gráfico 2. Você se sente representado por esses espaços culturais?

Você se sente representado por esses espaços culturais?
34 respostas

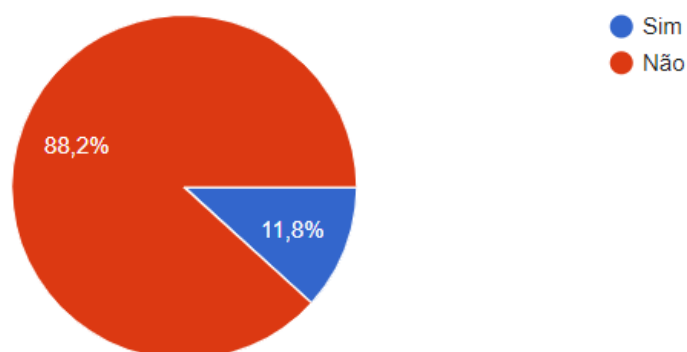


Precisa-se entender que o perfil majoritário dos entrevistados revelou-se heterossexual e cisgênero. Com base nisso, a compreensão de que os espaços culturais os representam advém desta realidade, no entanto, ainda assim, 35,2% do corpo dos entrevistados não conseguem enxergar representações contundentes sobre si diante dos espaços e ambientes tidos como culturais e enfoque nesta pesquisa. Revelando-se, também, que 11,8% dos entrevistados já sofreram com algum tipo de violência ao frequentar os espaços.

Gráfico 3. Você já sofreu alguma agressão (física, verbal, simbólica) em algum dos espaços citados?

Você já sofreu alguma agressão (física, verbal, simbólica) em algum dos espaços citados?

34 respostas

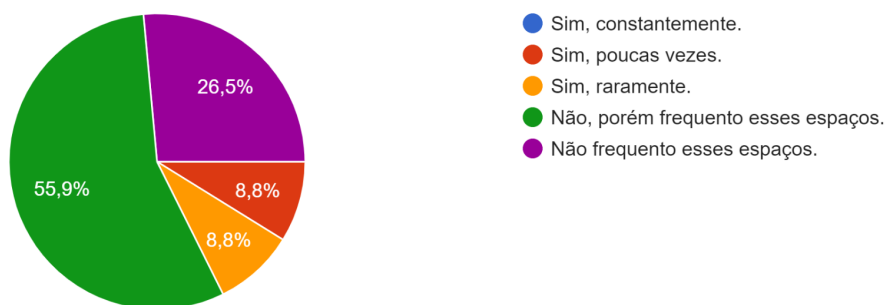


Esta compreensão revela-se como um fato, ao realizar o questionamento sobre a frequência dos entrevistados em espaços culturais que tivessem como temática LGBTQIAP+, no qual, 55,9% admite nunca ter ido a um evento ou espaço cultural que tivesse como tema a identidade ou a cultura LGBT. Em que, 16,7% já participaram de um evento com tal temática, porém, poucas vezes ou raramente. Portanto, isto revela que, de fato, a construção dos espaços culturais pode ser entendida como ambientes que não promovem eventos que evoquem a cultura e a identidade LGBT, não divulguem ou não atinjam a população geral, seja LGBT ou não, da forma que deveria. Logo, os espaços culturais aracajuano estão dentro deste espectro de certa rejeição às políticas e práticas que insiram a população LGBT aos ambientes culturais, mas que também promovam o respeito através da construção de pensamentos, a partir das exposições e dos vínculos memoriais que estes ambientes culturais podem gerar à população.

Gráfico 4. Você já foi em alguma exposição/patrimônio/evento com temática LGBTQIAP+ em algum desses espaços culturais?

Você já foi em alguma exposição/patrimônio/evento com temática LGBTQIAP+ em algum desses espaços culturais?

34 respostas

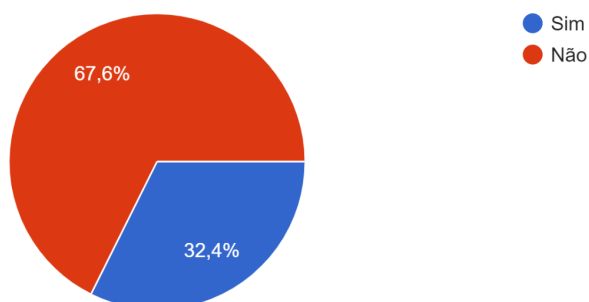


E, por fim, confirmando a construção sobre a distinção entre os entrevistados que se sentem representados, porém, compreendem em 67,6% que os espaços culturais não acolhem e incluem a população LGBT em suas produções e exposições. Logo, a representação compreendida anteriormente é majoritariamente passível de ser compreendida como hetero-cis.

Gráfico 5. Você acredita que esses espaços (galerias de arte, museus, cinemas, teatros, patrimônios) acolhem e incluem a população LGBTQIAP+ em suas produções e exposições?

Você acredita que esses espaços (galerias de arte, museus, cinemas, teatros, patrimônios) acolhem e incluem a população LGBTQIAP+ em suas produções e exposições?

34 respostas



Portanto, diante da pesquisa realizada, compreende-se que Aracaju lida com uma construção voltada ao esvaziamento dos espaços culturais e à ausência de representação LGBT dentro desses ambientes, promovendo ainda mais dificuldades de inserção dessas pessoas nesses espaços. Dessa forma, precisando promover

uma realidade que observe os espaços patrimoniais aracajuanos voltados para a construção e a evocação da identidade, da sexualidade, da cultura e da história LGBT em Aracaju, reverberando sobre a representação desta população na capital sergipana.

2.3.1 O PATRIMÔNIO LGBT EM ARACAJU

Primeiramente, precisa-se entender que o patrimônio pode ser compreendido de diversas formas, perpassando entre o individual e o coletivo. Porém, dependente do homem e do corpo ao qual ele está inserido, ou seja, entende-se como patrimônio aquilo que nos interessa, atribuído de significado e de identidade (FUNARI & PELEGRINI, 2009). Neste caso, o patrimônio não precisa estar catalogado no IPHAN ou na UNESCO, por exemplo, para ser considerado patrimônio, ele precisa ser compreendido pela população que o cerca, detentor de significados e de símbolos. A partir disso, o patrimônio será aqui trabalhado, posto que os patrimônios LGBT em Aracaju, emanam da representação LGBT atribuída aos espaços materiais e aos símbolos imateriais aracajuanos.

De certo modo, os patrimônios compreendidos nesta pesquisa fogem à normalidade dos espaços compreendidos como patrimônio, por sua vez, o cerne de aplicação e de compreensão dos espaços aqui estabelecidos estão interligados com o trânsito e o ativismo LGBT atual em Aracaju, relacionados a receptividade dos grupos dissidentes. Esses espaços LGBT que aqui reverberam sobre a condição de ambientes de interação cultural, qualidade histórica e representativa, porém, que, devido à marginalização promovida pelo corpo social, não são considerados incisivamente enquanto patrimônios. Entretanto, o enfoque é trazer a ideia de que o patrimônio LGBT existe, seja através das baladas, dos espaços de sociabilidade ou da manifestação da sexualidade, explicitando essa existência, seja nos espaços de ensino ou de luta por direitos. Sendo assim, entende-se a existência e a resistência do patrimônio LGBT, em virtude de espaços ao qual se comprometem com a luta, com a história e com a identidade LGBT em Aracaju, representando uma população de pessoas subjugadas e marginalizadas.

Em fato, entende-se que os patrimônios LGBT em Aracaju são atribuídos a partir do cunho histórico, perpassando pela representação política e cultural dos interesses referentes à comunidade LGBT de Aracaju, em que se manifestam em grupos sociais, clínicas, baladas, praças e símbolos da representação e da luta

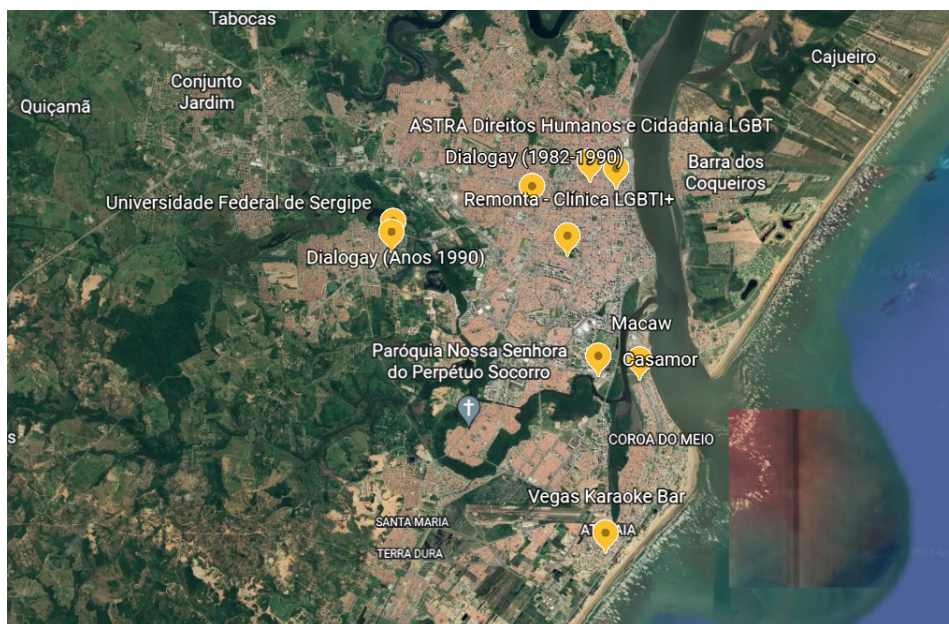
LGBT em Aracaju. Assim, detêm-se a necessidade de divisão para compreendê-los em totalidade, logo, admite-se a distribuição entre: 1. patrimônios materiais, 2. patrimônios imateriais e 3. personalidades políticas e culturais.

Diante dos patrimônios imateriais, entende-se sua disposição bastante esparsa dentro da Grande Aracaju, porém, com algumas peculiaridades contundentes. Isto, por sua vez, transmite a ideia da construção desses ambientes em locais estratégicos perante a sociedade aracajuana. Como exemplo, a distribuição de baladas em zonas mais afastadas da cidade, em que existe uma maior quantidade de circulação de jovens, evitando ou diminuindo, as relações e as manifestações preconceituosas perante as pessoas LGBT que frequentam esses espaços. Abaixo, pode-se observar a distribuição e a geolocalização dos espaços LGBT de Aracaju, apontados enquanto símbolos patrimoniais da cultura LGBT em Aracaju.

Entende-se que cada espaço desse acarreta em si um tipo de memória conjugado ao seu direcionamento de resistência e de vivências da comunidade LGBT na Grande Aracaju. Por sua vez, entendê-los enquanto patrimônio e lugares de memória está dentro da prerrogativa de que o patrimônio emana do povo, em que carrega simbolismos, história, vivências e experiências de um grupo. Neste caso, colocar em evidência os lugares de memória de circulação LGBT significa que existe sim um processo de ocupação LGBT(em nível de expressão de sexualidades e de identidades) a estes espaços, pois transmitem segurança. Permitindo, também, compreender o significado da motivação da evasão de LGBTs (quanto à ocultação também de identidades e de sexualidades) de outros espaços sociais de memória, como museus, galerias e patrimônios históricos. Ou seja, a ausência de representação e de segurança delimita as construções de diálogo e de interação de pessoas LGBT.

Pretende-se compreender a existência dos ambientes culturais, políticos e sociais referentes e representantes da população LGBT em Aracaju, constituindo esses ambientes enquanto patrimônios culturais LGBT. Tendo em vista isso, a evocação desses patrimônios admitem-se diante de recursos políticos, históricos, culturais e sociais. Dessa forma, para apresentá-los, divide-se em: 1. grupos de apoio e de acolhimento, 2. espaços de interação social e 3. personalidades LGBT de Aracaju.

Figura 1. Disposição dos espaços LGBT na Grande Aracaju.



Fonte: Google Earth

Assim, entre os grupos de apoio e de acolhimento, debruça-se sobre um universo de centros, casas, grupos de apoio que promovem ou promoveram à sociedade sergipana a luta e a busca por direitos para a população LGBT em Aracaju e em Sergipe. Com isso, alguns desses espaços são a CASAMOR, ASTRA, ADHONES, Grupo Dialogay, MOLS, AMOSERTRANS, Remonta e Grupo Athena. Diante disso, dentro do espectro de ambientes de convivência, entende-se os espaços em que a população LGBT frequenta e que expõe sua sexualidade e sua identidade de gênero sem repressão, englobando baladas e demais espaços públicos. Com isso, encontrou-se alguns desses ambientes, sendo eles: Macaw, Vegas, Festa Gay/LGBT do Bugio, Parada LGBT de Aracaju e Feirinha da Gambiarra. Por fim, as personalidades denotam sobre o quadro de referências das lutas e das conquistas LGBT no cenário aracajuano, perpassando por essas pessoas, entre elas, a Linda Brasil, José Silva, Delegado Leony e Magnólia.

2.3.2 PATRIMÔNIO E CULTURA: OS GRUPOS MILITANTES E OS ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA

Entender o processo de direcionamento da ideia de patrimonialização do povo realizada aos espaços e às referências LGBT em Aracaju está dentro de

processos de construções e de desconstruções empreendidos na história brasileira e sergipana. Da colônia à atualidade, pessoas dissidentes sofrem com o processo de inferiorização, de descaso e de marginalização social, imposto pela sociedade e pelo Estado. Logo, a dita distribuição social e a formação de *guetos*, enquanto espaços de refúgio, (AGIER, p. 33, 2015) são realidade e parte do processo de formação dos espaços de memória da comunidade LGBT em Aracaju e no Brasil.

Dentro do primeiro espectro (grupos de apoio ou de acolhimento), entende-se dentro do processo histórico de evocação da busca de direitos das pessoas LGBT dentro de Aracaju, entrando em contato com as referências externas à cidade, compreendendo as revoluções sociais que ocorreram durante todo o processo de surgimento desses grupos. Em 1982, surge o Grupo Dialogay, em Aracaju, dentro de um contexto brasileiro que entendia a homossexualidade enquanto transtorno. Promovendo e dissipando informações que relacionam a AIDS e o HIV à comunidade LGBT. Porém, que permitia o surgimento de diversos grupos LGBT pelo Brasil, como o Gathó, em Recife (OLIVEIRA; LEMOS, 2021). Sendo assim, a partir do impulso inicial, empreende-se uma série de outros grupos que ascendem e desintegram-se em meio às mudanças políticas, sociais e culturais do Brasil.

Precisa-se entender que a ascensão de direitos LGBT pelo Brasil está também conectado a como esses grupos colocavam-se à frente do processo de compreender como um corpo isolado da sociedade. Posto que a cidadania, por muitas vezes, era desprendida das pessoas LGBT, por causa das imposições de uma sociedade hetero-cisnormativa. Entendendo esta, como um processo de construção e perpetuação iniciado muito antes do surgimento dos grupos e das lutas LGBT no Brasil.

Em Mott (1989), compreende-se o mártir expoente da resistência LGBT no Brasil, em que um garoto sergipano resiste ao machismo do seu dito amante, por sua vez, Mott (1989) aponta que a morte desse jovem, no século XVII, vítima da inquisição sergipana, é uma das primeiras vítimas do que se entenderia por LGBTfobia séculos depois. Ou seja, assim como a existência de LGBT em Sergipe, a repressão e a resistência fazem-se presentes dentro da história LGBT ao decorrer dos séculos. Rescindindo, assim, dentro do processo de dispersão da AIDS e do HIV, como “doença gay”, no século XX, perpetuando-se no século XXI através de símbolos de distorção sobre a cultura, a identidade e a história LGBT, por chefes do executivo brasileiro e figuras públicas relacionadas à Igreja, por exemplo. Portanto, a

Inquisição - mesmo que com mudanças estruturais sociais, políticas, culturais e econômicas - nunca, de fato, foi extinta, posto que a perseguição, a repressão e o assassinato a LGBTs sempre foram a realidade de todas as sociedades, diante discursos maniqueístas, envolvendo aspectos como “deus” e “família”.

Ao longo da história, a tentativa de encurralar LGBT sob o espectro de subversores da moral, da família e da ética é um fato. Em Quinalha (2018), aponta-se que durante a ditadura-militar brasileira (1964-1985) insistia-se sobre um modelo de normalização e de enquadramento sobre as sexualidades e as identidades foram intensificados, dentro de discursos construídos por uma moral religiosa, mas respaldada pelo viés medicinal e legislativo.

Entende-se que a ascensão de movimentos e de grupos de apoio ganham tonicidade, a partir do final da década de 1970 que em Aguião (2018), distribui-se dentro do processo de emergência do Movimento Homossexual Brasileiro, sendo também o período do surgimento do Somos - Grupos de Afirmação Homossexual de São Paulo (1978), sendo referenciado ainda dentro do processo ditatorial brasileiro. Em Simões e Facchini (2009), consegue-se entender a importância do surgimento e da manifestação dos grupos de apoio LGBT, na década de 1980 e 1990, devido a mobilização social em divulgar o HIV e a AIDS como “doenças gays”.

Deve-se compreender que há, no Brasil, uma série de fundamentações que desenvolvem o processo de luta e de resistência conectadas a relações externas e internas ao movimento de militância LGBT. Ou seja, diante do surgimento de grupos sociais, de apoio e militantes da causa LGBT no Brasil, existem políticas e medidas, evidenciados pelo contexto civil brasileira que reverberam sobre como as necessidades da comunidade LGBT serão atendidas e desenvolvidas, Pereira (2016) aponta justamente sobre essa relação de política e de desdobramentos externos e internos.

A trajetória do ativismo LGBT no Brasil é permeada por mudanças e reconfigurações substanciais motivadas tanto pelas dinâmicas internas da militância quanto pelos fatores sociais externos, como as próprias reconfigurações do Estado brasileiro ou fatos e tratativas internacionais no âmbito dos direitos humanos LGBT. O fato é que este movimento social, por meio de sua organização política, tem desenvolvido forte incidência em distintos setores da sociedade. (PEREIRA, 2016, p. 118)

A importância social e cultural se manifesta, também, a partir dessas relações. Visto que, o surgimento de grupos sociais em um momento específico da sociedade brasileira, marcada pelo processo de censura e de repressão social

reverberam sobre a necessidade de manifestação e de viés democrático, além da busca inerte por direitos de uma sociedade flagelada. Com essa relação, o surgimento desses grupos, sendo um processo iniciado em 1970 e continuado até hoje, está dentro do viés identitário, político e social da população LGBT no Brasil e em Aracaju. Sejam eles antigos ou recentes, existe uma preparação da sociedade sergipana pela busca de direitos engendrada e continuada. Assim, em Júnior (2017), consegue-se perceber o valor identitário inerte a esses grupos com base em Certeau (1987).

Para que ocorra movimento, é preciso fabricar um conjunto de referências. Uma das mais necessárias ao movimento homossexual foi fazer os homossexuais assumirem o seu desejo. Grupos, refletiu Michel de Certeau, recorrem a um “vontade construtiva”, frequentemente investem em formas de reconhecimento para atrair adeptos, garantindo, assim, a organização de iniciativas e levando os seus adeptos a perceberem que não estão sozinhos, que não sejam os únicos na organização. (JÚNIOR, 2017, p. 172 e 173)

Para entender a dinâmica que é empreendido sobre o valor que os grupos LGBT apresentam em Aracaju, precisa-se compreender como eles se desenvolvem, isto é, imersos a um contexto de desprestígio de um pequeno município em Sergipe. O grupo, implementado em um espaço físico, dialoga entre a materialidade e a imaterialidade. Posto que, o ambiente físico carrega as memórias de como foi utilizado aquele espaço para construções de luta e de resistência, organizações de embate e de defesa, mas também, constituem-se da ideia que os permeia, no qual a geografia espacial não os limita. Diferentemente das variadas denominações de patrimônio, a relação entre a identidade, a história e a luta LGBT dentro desses grupos atribui-se de forma paradoxal, porém, estruturada na composição sociocultural estabelecida neles.

Em Haesbaert (1997), entende-se que grupos sociais diversos empreendem sobre um espaço de sua identidade, implementando simbolismos, porém, destaca também sobre o controle, o domínio e a disciplinarização de indivíduos. Neste caso, precisa-se entender que o processo que os grupos LGBT, abrangendo diferentes eixos, irão executar um processo orgânico e contrário de libertação e de expressão de corpos e de identidades de forma natural e gradual. Essa ideia consiste diante do fator já introduzido sobre a fluidez da materialidade e da imaterialidade inerte a esses grupos, visto que os espaços são o local de execução, relevantes para serem compreendidos como parte crucial desses grupos, porém, não condensam e não restringem esses grupos. Ou seja, existe a implantação do viés político, identitário e

simbólico, mas não diante do aspecto de dominação e contingenciamento dos indivíduos presentes e frequentadores.

A afirmação dos grupos estabelecidos em Aracaju, entra em conformidade com o processo iniciado no Brasil na década de 1970, diante dessa construção não restritiva, e fundamental para o desenvolvimento de um movimento militante político ativo no município. Portanto, esses grupos que transcendem em tempo e em história no campo da atividade política, cultural e social de Aracaju, perpassam sobre o processo de exaltação identitária, constituindo sobre a consolidação da realidade representativa no município de Aracaju. Portanto, referenciando as concepções de patrimônio histórico e cultural relativo a esses grupos ativistas e militantes em Aracaju.

Não obstante, o surgimento de espaços de convivência e de interação social emanam de parte da necessidade de encontrar espaços de acolhimento e de expressão das subjetividades, sexualidades e identidades. Porém, diferentemente do processo empreendido dentro dos grupos ativistas e militantes, porque está embutida dentro de uma relação rápida e dinâmica. Isto é, ambientes de fluxo constante de pessoas LGBT, reconhecidos como baladas, festas e manifestações LGBT. Dentro disso, denota-se sobre a ideia dos gueto, introduzida já por Agier (2015), enquanto espaços de refúgio sociais, mas também pautada na construção de Wacquant (2004), consolidando essa visão determinada entre o refúgio e o isolamento das violências.

O gueto é um meio sócio-organizacional que usa o espaço com o fim de conciliar dois objetivos antinômicos: maximizar os lucros materiais extraídos de um grupo visto como pervertido e perversor e minimizar o contato íntimo com seus membros, a fim de evitar a ameaça de corrosão simbólica e de contágio. (WACQUANT, 2004, p. 157)

Nesses espaços, como o Macaw e o Vegas - baladas que estão na cena LGBT de Aracaju atualmente - verifica-se um amplo espaço de aceitação e de sociabilidade com pessoas LGBTs, mas também aos demais públicos que estejam interessados a interagir e a frequentar. Dines (2011) destaca um processo similar que ocorre na Rua Augusta, em São Paulo, em que ascende uma região de amplo convívio e de aceitação social, entre diferentes grupos que estão à margem da sociedade.

Em Simões e França (2005) entende-se como a formação e a constituição de guetos está conectada com a esfera política e cultura dos espaços públicos, superando o aspecto do território e da materialidade. Isto, por sua vez, entra em consonância com o fator do surgimento de eventos, como a Parada LGBT, a Festa Gay do Bugio e a Feirinha da Gambiarra de Aracaju que transcendem a materialidade, isto é, o amplo preenchimento espacial, permite a segurança e o pertencimento no espaço ao qual esses eventos estão imersos momentaneamente.

Percebe-se que, em ambientes que corriqueiramente não apresentam indivíduos expressando sua identidade de gênero e sua sexualidade, no momento do acontecimento desses eventos, cria-se um espaço de seguridade. Com isso, toma-se nota da construção efetuada por Santana e Simões (2015), de que constrói-se um sentimento de permanência e de pertencimento, sendo responsável pelo desenvolvimento e a efetividade das identidades.

O aspecto de construção de espaços seguros - seja pautado em grupos militantes, seja por eventos culturais e sociais - perpassa fundamentalmente pelos agentes que empreendem e possibilitam o funcionamento desses estabelecimentos. Personalidades que embargam a luta LGBT em Aracaju, em diferentes segmentos, como cultura, política, economia e segurança. Assim, surgem nomes e referências positivas que carregam histórias e afirmações de representatividades positivas para a compreensão da memória e da história LGBT em Sergipe e em Aracaju.

Do mesmo modo, põe-se figuras e personalidades importantes, à frente da militância sergipana, atrelada a grupos ou não. A vigência de pessoas que colocam-se à frente da luta e da resistência LGBT, sendo importantes para a construção de referências positivas e de representatividades dentro de uma realidade vigente de descaso, de marginalização e de assassinatos. As personalidades LGBT estão dentro do processo de construção de memórias, referenciando sobre uma distribuição imagética e de materialização. Isto, por sua vez, atrelado a Woodward (2000), diante da ideal da representação coletiva imersa a um processo cultural, social e político, no qual a referência de identidades individuais e coletivas permite a resolução de questões próprias de cada indivíduo. Ou seja, a compreensão sobre si, perpassa também pelo outro, assim, a construção da subjetividade perpassa pela resolução de questões e de aflições conectadas sobre aquilo que se enxerga e se identifica.

3. A TECNOLOGIA A FRENTE DO PROCESSO EDUCACIONAL

Indiscutivelmente as tecnologias movimentam as mudanças da sociedade. Isto é, seja na revolução agrícola, seja na revolução digital, as inovações tecnológicas que alteram a realidade e constituem um novo processo social. Com o passar do tempo, a atribuição do conceito de tecnologia alterou-se, em função do que entendemos como tecnologia ter sido virtualizada e digitalizada, crucialmente, devido à popularização dos smartphones. Precisa-se enfatizar que este feito é propulsor para uma série de atividades inventivas e tecnológicas que nos acometeram, como as tecnologias disruptivas e os avanços das IA.

Ao tratar sobre a tecnologia atual frente ao processo educacional é extremamente crucial apontar sobre como a popularização tecnológica infere sobre o desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Debater sobre tecnologia e educação abrange uma série de nuances, visto, principalmente os desníveis em relação ao nível tecnológico atual e a implementação prática destas nos ambientes de ensino-aprendizagem, voltada a uma interiorização do afastamento da tecnologia e da sala de aula que perdurou por muito tempo. Além disso, é de relativa e primordial importância ater para a disparidade social brasileira e o processo de exclusão digital, que promove a falta de letramento digital em uma sociedade que, voluntária ou involuntariamente, utiliza cada vez mais a tecnologia.

Com isso, entende-se que o processo de consolidação de medidas assistivas que sejam operadas pelo sistema social é urgente, porém, não bastando ações isoladas de grupos ou de pessoas, mas necessitando também de medidas coletivas que alcancem um contingente. Precisa-se pensar como se elabora e se constitui a realidade atual das tecnologias, verificando o processo de distanciamento entre a tecnologia e a educação no Brasil, a fim de promover interesse de modificação desse cenário, promovendo projetos em vista da elaboração de mudanças no sistema educacional.

3.1 AS TECNOLOGIAS, UM CENÁRIO FICTÍCIO OU REAL?

A realidade encontrada em ficções científicas, de Isaac Asimov, com “Eu, Robô” (1968) até Spike Jonze, com “Her” (2013), apresenta as alterações dos enredos contados dentro desse gênero textual e midiático. De certa forma, essa

mudança representa a alteração do pensamento e da concepção sobre as IA e as tecnologias como um todo. A compreensão sobre as tecnologias são alteradas à medida em que a sociedade evolui e transforma o meio e as ferramentas que utiliza. Com o avanço técnico-científico, é possível partir da ideia que, compreender mais sobre as tecnologias, permite ter um maior controle sobre elas e, consequentemente, as *estórias* narradas nas ficções científicas transformam-se de ‘como os robôs dominarão e exterminarão a humanidade’ para ‘como a tecnologia é utilizada cada vez mais dentro da sociedade’. O fator principal conecta-se com a descrição utilizada em Régis (2006), em que se debruça em como a sociedade, a realidade e a ficção são conectadas por meio do imaginário e do real, ao dizer que

O ato ficcional parte do real/existente, de onde tira a veracidade necessária para a cumplicidade entre autor e leitor, e acrescenta-lhe uma qualidade imaginária, colocando em contato real e imaginário. Se por um lado, ao apelar para o imaginário, a ficção conduz a realidade para além de seus limites, por outro, ela captura e dá forma ao imaginário, que quando livre é um repertório de imagens, fantasias e sonhos em constante metamorfose e dispersão. (RÉGIS, 2006, p. 2)

Com isso, a diminuição de obras literárias e cinematográficas que apresentam a destruição em massa da sociedade mediada pela ação da tecnologia diminuiu, a partir da segunda década do século XXI. Em contrapartida, por exemplo, o surgimento exponencial de obras e de produções voltadas à dispersão de doenças e de pandemias que poderiam acabar com a humanidade, como *The Walking Dead* (2006), *The Last of Us* (2012) e *Paciente 63* (2022). Isso confirma o que Régis (2006) aponta, sobre como a ficção é norteadas pelos temores da sociedade que a produz. Porém, precisa-se enfatizar que a tecnologia digital e virtual passou a fazer parte da realidade da sociedade mundial, como aponta Schwab (2016), ao relatar que

As tecnologias digitais, fundamentadas no computador, software e redes, não são novas, mas estão causando rupturas à terceira revolução industrial; estão se tornando mais sofisticadas e integradas e, consequentemente, transformando a sociedade e a economia global. (SCHWAB, 2016, p. 20)

Embora Castells (1999) tenha apontado que a tecnologia não determina a sociedade, entende-se que os laços, com o passar dos anos, entre a tecnologia e a sociedade estreitaram-se, em que é inegável que a tecnologia é essencial para o desenvolvimento das sociedades, apesar de não ser fundamental. Isso, visto a condicional existente entre a disparidade social e a expoente utilização de

tecnologias digitais no desenvolvimento de tarefas simples. Precisa-se compreender que, como aponta Schwab (2016), a sociedade adotou as tecnologias e as inovações digitais, logo, o processo de inserção e de consolidação dessas ferramentas hoje tornam-se cada vez mais usuais e disponíveis, porém, não necessariamente abrangendo a todos os setores sociais.

O fator marcante foi visualizado diante da pandemia de Covid-19, iniciada em 2019, e que, ainda em 2022, não teve seu fim determinado. Durante o ápice da pandemia, a tecnologia foi crucial para as interações sociais, preenchendo a educação e o trabalho, marcando assim a importância e o desenvolvimento desses recursos para a implementação das áreas básicas da sociedade. Entretanto, ao mesmo tempo que a tecnologia marcou-se por aspectos positivos, a desigualdade social permitiu entender os pontos negativos da sua utilização, isso podendo ser compreendido através de uma abordagem realizada por Schwab (2016), em que aponta a estrutura da sociedade atual que restringe o acesso das revoluções industriais a grupos específicos, em que 1,3 bilhões de pessoas não tiveram acesso a Segunda Revolução Industrial e 4 bilhões não tiveram acesso à Terceira Revolução Industrial, ao passo que, notoriamente, esse número torna-se ainda maior ao se tratar da Quarta Revolução Industrial.

A sociedade atual apresenta distintos conceitos relacionados à tecnologia, de fato, precisa-se constituir sobre a ascensão das tecnologias digitais, as IA, a robótica, a impressão 3D, o blockchain são o futuro da sociedade. A virtualização e a digitalização do espaço físico é constituído à frente de um processo de que muitas cidades transformam-se em *smart cities*. Ao passo que a tecnologia atual facilita as interações e as comunicações, otimiza processos de produção e revoluciona a compreensão sobre a realidade, com os metaversos, precisa-se entender que a tecnologia avança, enquanto a sociedade precisa caminhar em acordo, abrangendo todas as camadas sociais e não estando contida a uma parcela mínima do corpo social. Castells (1999) afirma que

culturas consistem em processos de comunicação. E todas as formas de comunicação, como Roland Barthes e Jean Baudrillard nos ensinaram há muitos anos, são baseadas na produção de consumo de sinais. Portanto, não há separação entre “realidade” e representação simbólica. Em todas as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e atuado por meio dele. (CASTELLS, 1999, p. 459)

Ou seja, a interiorização dos recursos tecnológicos e das inovações digitais na sociedade é um processo já realizado, as tecnologias disruptivas que estão associadas a modelos de softwares atestam essa realidade. Porém, precisa-se entender como esses produtos dialogam e interagem com a sociedade dotada de símbolos e de características próprias. Essas tecnologias disruptivas, que surgem para atender demandas e necessidades sociais, popularizam-se pois é devido ao uso da sociedade que ela se efetiva e se firma no ambiente social. Porém, outras tecnologias não necessariamente são efetivadas e abrangem a sociedade como um todo, justamente, devido à problemática referente a distinção e disparidade social. Em consonância, entende-se a importância da construção de materiais educacionais que objetivam abranger a amplitude e direcionamento de atividades tecnológicas em ambiente educacional.

3.2 LETRAMENTO DIGITAL E O ENSINO TECNOLÓGICO NO BRASIL

Comumente, a associação entre tecnologia e sociedade ocorre de forma divergente, em que a sociedade, mesmo fazendo parte do processo de avanço tecnológico, é posta à parte da inovação tecnológica. Entretanto, sabe-se que essa centralização de pensamento ocorre devido à continuidade referente às desigualdades sociais presentes no Brasil. Isto é, qual é a sociedade que produz a tecnologia? Acontece que, pensar que as inovações tecnológicas estão contidas a um ambiente que afasta a massa social é algo irreal. Isto é, de fato, a desigualdade social afasta a população pobre da utilização e da apropriação de recursos digitais, porém, essa camada social também é responsável por produzir o técnico-científico através das universidades federais, incentivos governamentais e outros. Práticas e projetos sociais incentivam o letramento digital de crianças e de adolescentes das periferias do Brasil.

Em Schwab (2016, p.34), o autor aponta que “inovar é um processo social complexo [...] é importante darmos atenção sobre como garantir que esses avanços continuem a ser realizados e sejam orientados para os melhores resultados”. Com isso, a ideia da inovação caminha juntamente com o processo anteposto à sociedade. Não se pode falar de tecnologia, sem falar de sociedade, posto que tecnologias são produtos das necessidades da humanidade. Significado a isso, entende-se que as conjunturas sociais admitem características e urgências

diferentes, em que as tecnologias podem ser utilizadas para promover melhorias dentro de distintos eixos.

Em sentido disso, observa-se a necessidade da construção de um ambiente educacional que se volte em prol da implementação e do desenvolvimento das habilidades voltadas à utilização das tecnologias na sociedade. Isto posto, a existência de uma sociedade que utiliza as tecnologias para realização de suas atividades. Nessa constante, Rios (2018) apontou a crescente da ideia voltada ao processo de letramento que se enquadra dentro de perspectivas específicas, citando a obra de Street (1984), ao relatar que

Com a obra de Street (1984), o letramento passou a ser concebido como um ato social, uma forma de prática comunicativa e apresenta dois tipos de letramentos: o letramento autônomo e o letramento ideológico. No primeiro, as habilidades são aprendidas independente do contexto social e tem um caráter individual; no segundo, tem uma visão cultural das práticas de letramento e é variável de acordo com o contexto social e cultural. (RIOS, 2018, p. 23)

O diálogo entre as tecnologias, sociedade e educação precisa ocorrer, porém, o trabalho com essas três instituições, podendo afirmar dessa forma, percorre a problemática enraizada sobre as divergências entre públicos. Isto é, o professor/formador de realidade discrepante dos educandos, que nascem dentro dessa realidade, ou àqueles que não tiveram contato integrado devido à disparidade social e à exclusão digital.

Schwab (2016, p. 92), ainda declara os desafios que serão enfrentado para a sociedade integrar as inovações tecnológicas no contexto social, que perpassa sobre “saber como absorver e acomodar a nova modernidade e, ao mesmo tempo, abraçar os aspectos gratificantes de nossos sistemas tradicionais de valores”. Isso, serve-se em consonância com Freire (1987, p. 98) que elabora sobre a “formação técnico-científica não é antagônica à formação humanista dos homens, desde que ciência e tecnologia, na sociedade revolucionária, devem estar a serviço de sua libertação permanente, de sua humanização”.

O letramento digital, portanto, envolve a construção do processo de inclusão digital, efetivando a garantia de direitos da população. Partindo do ambiente de ensino-aprendizagem, compromete a continuação do desenvolvimento de uma sociedade que observa o potencial tecnológico, mas também a necessidade de introduzir camadas sociais excluídas desse universo, visto que, a utilização da tecnologia no dia a dia tornou-se uma realidade, isto é, hoje em dia, através da

internet e de smartphones, paga-se contas, enviam-se currículos, realizam-se cursos. Ou seja, promover o letramento digital faz referência também ao processo de democratização da informação.

Em Araújo e Glotz (2009), apontam a responsabilidade pelo processo de inclusão digital cabível à educação, posto que é através do sistema educacional que pode-se atingir o maior número de pessoas em processo de formação e, conseqüentemente, de transformação. A implementação dentro dos espaços educacionais de recursos tecnológicos, perpassa por uma série de problemáticas, entretanto, não se pode abandonar o potencial de transformação de jovens e de adolescentes que pode ser empreendido a partir da utilização das tecnologias em sala de aula. Se existe o potencial, precisa-se construir espaços de integração que observem essa necessidade e desenvolvam atividades laborativas que promovam a inclusão digital.

Em vista disso, Schwab (2016, p. 84) destaca como a hiperconectividade complementa-se de prós e contras, como tudo existente. Porém, observando seus prós, Schwab entende que através desta hiperconectividade é possível atingir um denominador comum, inclusive dentro do processo de aceitação e de tolerância com as diferenças sociais. Nesse caso, embora a internet e as tecnologias possam ser vetores de comportamentos intolerantes e discriminatórios, pois o ambiente digital não deixa de ser uma extensão do ambiente real, mas é possível de constituir um espaço também de assimilação e de experiências positivas.

O processo de letramento é advindo como um processo positivo, não somente pelo conhecimento que pode ser admitido através da utilização correta dos recursos, como também permite, assim como já foi destacado, o aprendizado técnico-científico, frente a elaboração atualizada da construção digital e virtual, promovem a diagramação com a sociedade, visto que são processos que não devem ser desassociados.

Implementar a tecnologia à educação já é um procedimento que ocorre em diversas áreas do ensino, como a robótica aplicada no ensino de matemática, por exemplo. De forma expoente, as metodologias STEM e STEAM acompanham uma realidade de transformação e de renovação no processo educacional, com medidas educativas que se conectem através das variadas áreas, inclusive, com a tecnologia (AGUILERA e ORTIZ-REVILLA, 2021). Acompanhando essa vertente, a Lego Education promove o desenvolvimento de tecnologias educacionais, que são

utilizadas por redes de ensino e por professores, com medidas que acometem do ensino infantil ao ensino médio.

Em Candau (1978), compreendia-se a tecnologia educacional partindo de três pontos distintos: conceito, processo e estratégia. O conceito, por sua vez, é voltado a um modelo iniciado com uma Revolução na Comunicação que pode promover a instrução. O processo é constituído de um laboratório, em que se planeja, implementa e avalia resultados do percurso, nesse caso, da aprendizagem. Por fim, a estratégia, sendo esta necessária para diferenciar a tecnologia educacional de qualquer outro procedimento, posto que percorre a relação com a inovação. A tecnologia e a inovação, dentro do processo educacional, tem sido uma temática percorrida de maneira mais ampla recentemente, principalmente, pelo fator relacionado à velocidade de transformação da realidade. Isto é, os desafios são solucionados, ao passo que outros surgem, devido a dinâmica de interação entre tecnologia e inovação compreendidas atualmente.

4. MAPEAMENTO DIGITAL: ESPAÇOS E MEMÓRIA DA COMUNIDADE LGBT EM ARACAJU

4.1 MAPEAMENTO DIGITAL: MOTIVAÇÃO E DELIMITAÇÃO DOS ESPAÇOS

Compreender o processo de mapeamento digital, dentro deste trabalho, está referenciado na necessidade de colocar em evidência a memória, a história e a cultura inerente à urgência da salvaguarda patrimonial e da evidenciação da comunidade LGBT em Aracaju. Em Antas (2005), ressalta-se sobre a submissão de grupos às imposições e aos enquadramentos sociais, ao passo que esse processo incide sobre como os objetos artificiais e humanizados interagem e influenciam sobre os indivíduos. Essa relação é substancial dentro da ideia do mapeamento realizado, posto que a identificação e a implementação em um ambiente digital para trabalhar elementos específicos que estão dentro da sociedade, permitem a observação, a significação e a resolução de experiências por parte dos indivíduos que interagem com essa produção.

A importância desse mapeamento é lançada em duas vertentes: a ascensão de materiais relacionados à reverência cultural, natural e geográfica; e a relevância de divulgação de produções que divulguem a memória e a cultura LGBT à diferentes

públicos, em cerne de sua relevância histórica, mas também de formação identitária. Em Silva e Verbicaro (2022), destaca-se a pesquisa do *International Found for Agricultural and Development*, em que é ressaltado o aumento exponencial de iniciativas que focam na utilização do mapeamento participativos, tendo diferentes motivações, isto é, para compreensão cultural, de manejo de terra, de recursos naturais, de conflitos e outros.

O mapeamento parte do contexto de implementar e de traduzir para o espaço digital a história LGBT de Aracaju que está dispersa dentro da geografia da Grande Aracaju, construindo um cenário de imersão e de fluidez de informações. Entendendo-se, dentro de um contexto voltado à transformação dos espaços sociais, tal qual apontado por Bernal (2015), apresentando o processo da ciência aberta, em que se constitui diante de uma construção transdisciplinar, pautada na hibridização das ciências naturais e sociais, sob articulação com as artes digitais, eletrônicas e processos computacionais. Isto, por sua vez, compreendendo o processo da demanda de implementação das tecnologias integradas às humanidades.

Embora o mapeamento digital de espaços geográficos seja uma realidade, pode-se configurar sua relação e funcionalidade massivamente relacionada a processos naturais, enquanto, há uma certa limitação voltada a esse recurso atribuído às humanidades. No entanto, pode-se afirmar que a elaboração desses mapeamentos exprimem fortalecimento sobre as relações dos grupos com o objetivo do mapeamento específico, como destacam Da Silva e Verbicaro (2016), ao apresentar Gorayeb (2014)

Para Gorayeb, a participação na construção do mapa é uma forma de fortalecer a mobilização de grupos que se apropriam de uma ferramenta, a cartografia, para o uso de seus interesses. E a participação dos grupos mobilizados não se restringe à confecção dos mapas, pois a partir do processo de construção destes mapas as demandas são fortalecidas e há o reconhecimento de direitos, o que pode direcionar a estratégias de atuação coletiva. Cada situação de mapeamento tem seus próprios objetivos. (DA SILVA e VERBICARO, 2016, p. 3)

Sobre a importância do mapeamento, percebe-se a necessidade de adaptá-lo e de renová-lo, quanto aos meios de produção, devido às demandas sociais, como já apontado, necessitando atender fatores como atratividade, agradável, dinâmico. Porém, não se pode fugir da função de que, esse mapeamento, é conduzido por alicerces identitários, históricos e memorialísticos. Ou seja, o mapa digital dos

patrimônios LGBT de Aracaju está, também, submetido à memória e às referências que esta produz.

Compreende-se a memória enquanto algo em constante construção e desconstrução, segundo Bosi (1971). Ou seja, a memória é mutável, submetida a interpretações dos homens do presente, sob as perspectivas e as alusões do presente. Nesse contexto, o mapeamento digital parte da identificação de possível adequação e alteração diante das mudanças do tempo. Para Meneses (1992), os objetos apresentam-se de diferentes funcionalidades e importância, ao qual a história consiste, em que pode-se compreender sobre

Uma reflexão sobre a constituição, em nossa sociedade, da categoria do objeto antigo, objeto histórico, permitirá ressaltar o papel fundante do presente. O objeto antigo, obviamente, foi fabricado e manipulado em tempo anterior ao nosso, atendendo às contingências sociais, econômicas, tecnológicas, culturais, etc. desse tempo. Nessa medida, deveria ter vários usos e funções, utilitários ou simbólicos. No entanto, imerso na nossa contemporaneidade, decorando ambientes, integrando coleções ou institucionalizado no museu, o objeto antigo tem todos os seus significados, usos e funções anteriores drenados e se recicla, aqui e agora, essencialmente, como objeto-portador-de-sentido. Assim, por exemplo, todo eventual valor de uso subsistente converte-se em valor cognitivo o que, por sua vez, pode alimentar outros valores que o passado acentua ou legitima. (MENESES, 1992, p. 12)

Com isso, a delimitação dos patrimônios perpassa através da triagem de locais que têm significados e simbolismos dentro da realidade e da história LGBT em Aracaju, assim, centros de atuações ativistas, de apoio e de sociabilidade. Diante da ciência dessa divisão, optou-se por buscar e identificar os espaços mais relevantes ou de maior circulação atual, fazendo referência ao público LGBT. Para isso, buscou-se bibliografias e reportagens, além de análises em campo. A par disso, optou-se em demonstrar e modelar: a ASTRA, a Feirinha da Gambiarra, o Macaw, a Remonta, a CasAmor, o Vegas, a Universidade Federal de Sergipe e o Museu da Gente Sergipana. Diante disso, após a seleção, buscou-se compreender mais sobre o papel social desses espaços para a sociedade LGBT de Sergipe, compreendendo seus trabalhos, seus processos e suas vertentes dentro do processo de promoção identitária LGBT em Aracaju.

Figura 2. Localidades aplicadas ao mapeamento



Fonte: Google Earth

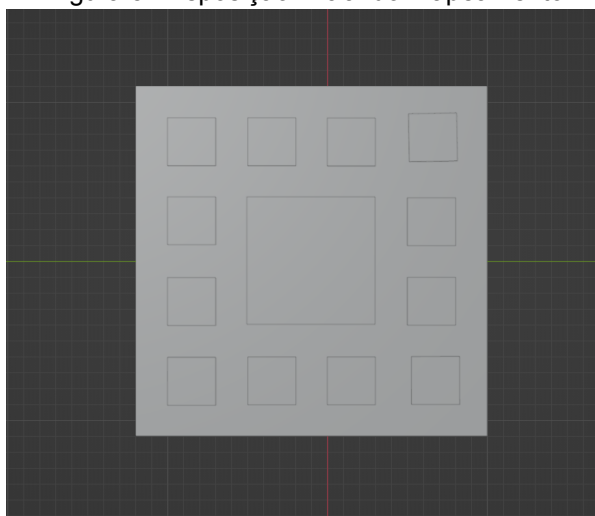
4.2 PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

Em foco no processo de mapeamento e desenvolvimento dos espaços, é necessário ressaltar que este perpassa por seis fases de elaboração: 1. identificação, 2. diagramação do mapa, 3. modelagem dos ambientes, 4. aplicação de cores, texturas e iluminação e 6. renderização. Para a elaboração do mapa digital, primeiro realizou-se uma busca em programas de modelagem 3D, observando softwares como Blender, ZBrush, Cinema 4D e 3ds Max, em que, cada um desses programas apresenta funcionalidades e especificidades de trabalho. Entendendo as pretensões para o desenvolvimento do mapa, optou-se pela utilização do Blender, devido ao seu código aberto e ao tipo de trabalho fundamentado na utilização de malhas.

Após a compreensão e a delimitação, deu-se início a primeira fase de desenvolvimento, com a análise desses ambientes reais, entendendo superfícies, características de cor, textura e imagem, realizando a captura das construções físicas para servir como molde de trabalho e de modelagem. O processo para modelagem demandou análise geoespacial e arquitetônica para tentar transpor esses ambientes com suas marcações identitárias ao mapa digital, porém, destaca-se que não se tem o intuito de atribuir a verossimilhança na modelagem das respectivas construções. Com isso estabelecido, iniciou-se a segunda fase de desenvolvimento, que busca entender um meio de dispor os futuros ambientes no

mapa, articulando a disposição em quarteirões, em que cada ambiente estaria posto em um único espaço no mapa.

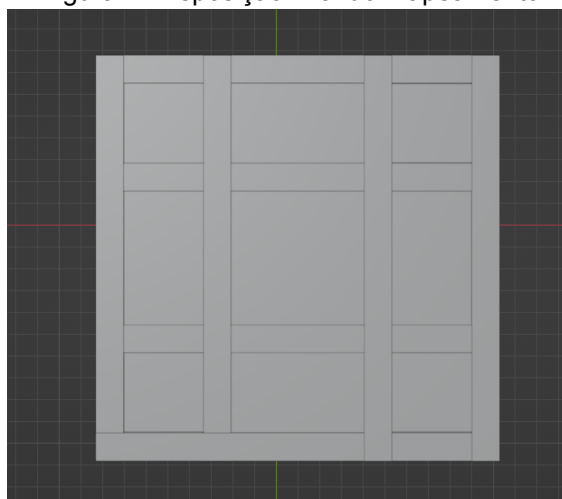
Figura 3. Disposição inicial do mapeamento



Fonte: autoria própria

A disposição inicial do mapa contava com a aplicação de ambientes, relacionados à conjuntura patrimonial LGBT de Aracaju, em que objetivava-se a aplicação de uma praça central e 12 patrimônios preenchendo os quarteirões. Enfrentando, devido à limitação dos equipamentos utilizados para a realização do processo de construção do mapa, optou-se por outra estratégia de aplicação, em que, foi-se necessário diminuir a quantidade de patrimônios.

Figura 4. Disposição final do mapeamento

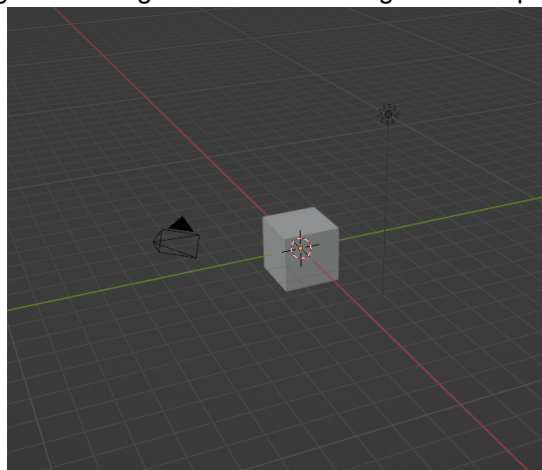


Fonte: autoria própria

Em vista da terceira fase, tornou-se necessário iniciar o processo de modelagem das construções patrimoniais escolhidas, porém, torna-se necessário enfatizar como essas construções estão empreendidas dentro do contexto

sócio-arquitetônico da cidade. Isto é, os edifícios, as casas e os prédios de Aracaju, apresentam uma arquitetura quadrada, com poucos ornamentos e, na maioria das vezes, com portas e janelas gradeadas. Além disso, sendo uma característica brasileira, as residências estão sempre conjugadas, ou seja, não apresentam espaçamento entre si, porém, esta característica foi suprimida do mapeamento, a fim de destacar unicamente os patrimônios em questão, permitindo a compreensão e a interação entre esses ambientes. Com isso, buscou-se promover a modelagem de modo similar às edificações reais, entendendo as dificuldades para implementá-los de modo fidedigno, porém, trazendo alguns detalhes e características distinguíveis e associáveis entre o mapa digital e o espaço real.

Figura 5. Estágio inicial da modelagem dos espaços



Fonte: autoria própria

Para essa modelagem, visa-se compreender que todo o processo é iniciado através da utilização de malhas, podendo ser cubos, planos, cilindros e outros. Em que o processo de construção de cada ambiente foi realizado de modo individual, tentando compreender e atender às características de cada ambiente específico. Com isso, diante da conexão de malhas, modelagem em objeto e em edição, observou-se a construção de alguns desses ambientes.

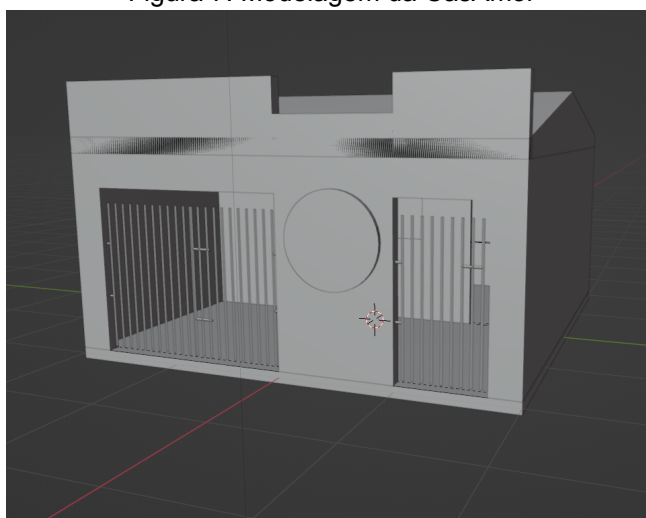
Figura 6. Modelagem inicial da ASTRA



Fonte: autoria própria

Para a modelagem da ASTRA, buscou-se aplicar ao espaço de desenvolvimento de uma ambiente que está posto a uma esquina, logo, tinha-se o intuito de deixar o prédio menos retangular, logo, ergueu-se mezaninos entre as divisões de andar.

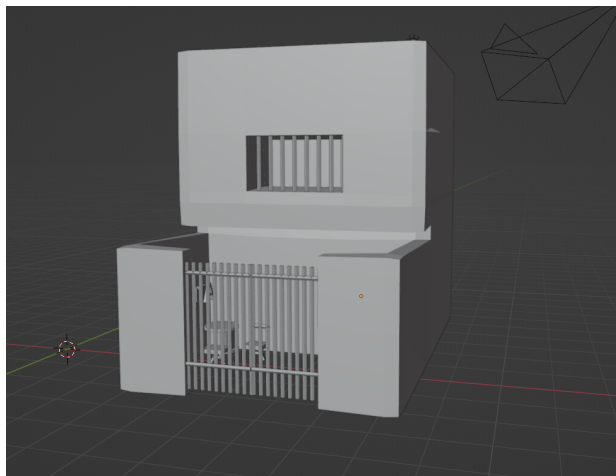
Figura 7. Modelagem da CasAmor



Fonte: autoria própria

Para a construção da CasAmor, objetivou-se modelar a fachada sem realizar muita distinção em relação ao plano e ao prédio original, a fim de permitir que estivesse verossímil. Neste caso, a construção física da CasAmor possui um diferencial distintivo, que é a presença das lacunas superiores e de um círculo de identificação, no qual está presente a logomarca do local, sendo ideais visuais importantes para garantir o aspecto de semelhança entre o espaço digital e o físico.

Figura 8. Modelagem da Remonta.



Fonte: autoria própria

Diferentemente, a construção real da Remonta Clínica LGBT, apresenta um conjunto de casas idênticas. Logo, objetivou-se modelar unicamente um ambiente, com suas características. Em caráter distintivo, a Remonta apresenta um hall de entrada com sua logomarca estampada na parede, com mesa e bancos na frente do residencial, que foram também modelados no processo de desenvolvimento do conjunto.

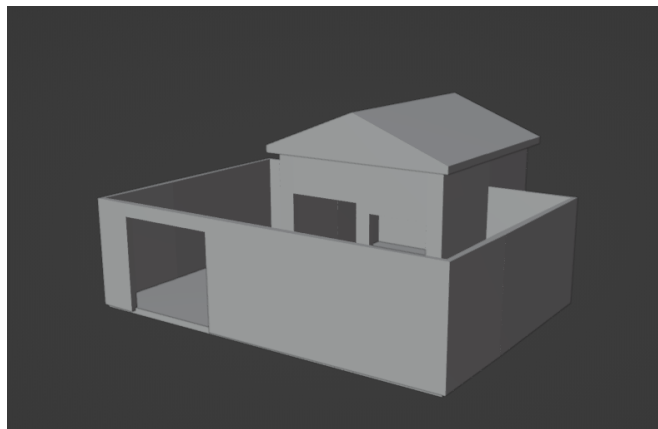
Figura 9. Modelagem da Universidade Federal de Sergipe



Fonte: autoria própria

Para a modelagem da Universidade Federal de Sergipe, representante dos movimentos e dos grupos ativistas empreendidos nela, optou-se por elaborar a entrada dos estudantes da universidade, aplicado ao mapa como um símbolo identificador da existência da cultura, da história, da materialidade e da imaterialidade dentro do ambiente universitário.

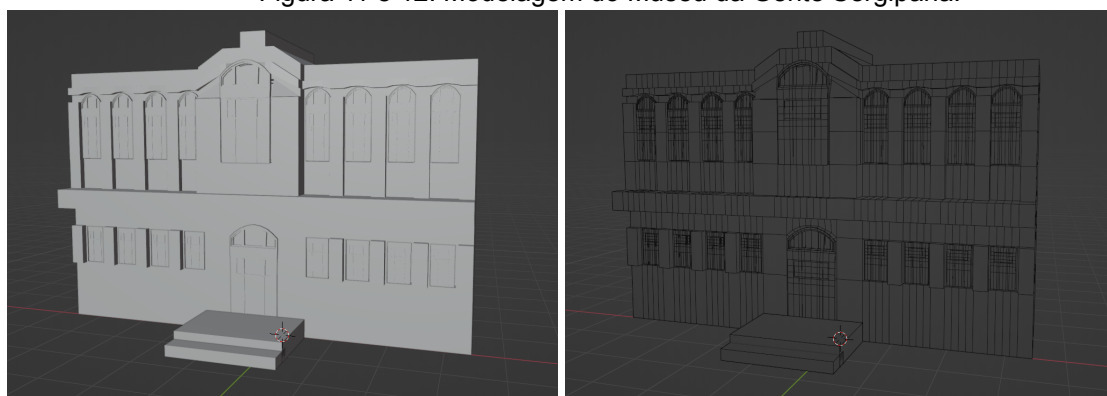
Figura 10. Modelagem do Macaw e do Vegas



Fonte: autoria própria

Para a construção do Macaw e do Vegas, implementou-se a mesma estrutura, isto posto que seus espaços reais são bastante similares. Com fachadas largas e grandes portões de entrada. No mais, não apresentando caráter distintivo para elaboração e definição desses ambientes, sendo realizadas posteriormente através da sinalização dos ambientes no mapeamento.

Figura 11 e 12. Modelagem do Museu da Gente Sergipana.



Fonte: autoria própria.

Em vista da modelagem referente ao Museu da Gente Sergipana, buscou-se desenvolver unicamente a estrutura do prédio do museu, desconsiderando elementos de entrada e os que cercam o espaço real do museu. Destaca-se a exigência de subdivisões no processo de modelagem devido à quantidade de janelas presentes na fachada do museu.

Figura 13. Modelagem aplicada da Feirinha da Gambiarra



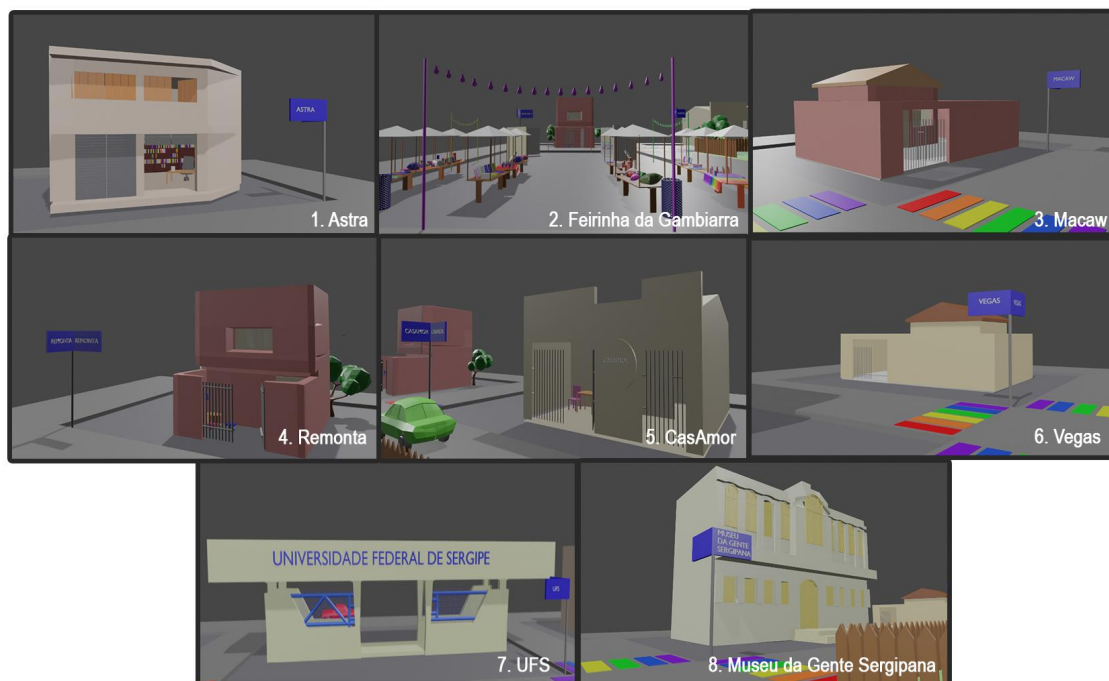
Fonte: autoria própria.

Em referência à Feirinha da Gambiarra, entendendo que é um evento, ou seja, não está, necessariamente, restrito a uma localização específica, tampouco com uma estrutura delimitada e restrita, optou-se por modelar elementos que compreendam e identifiquem a visualização da feirinha, ao qual foi-se colocado alguns atributos em referência a cultura e a identidade LGBT de Aracaju e do Brasil. Ainda assim, na localidade da feirinha foi posta uma exposição em expositores, apresentando um pouco da história LGBT como um todo. Portanto, com a modelagem dos espaços realizada, houve a disposição de modelos no mapa, atribuindo alguns elementos caracterizadores de um ambiente físico, como carros, placas, árvores e bancos.

Após a realização do processo de modelagem, de aplicação e de disposição ao mapa, partiu-se para a quarta fase de desenvolvimento, relacionada à aplicação de cores e de texturas, atribuindo o processo da iluminação ao espaço. É importante destacar alguns atributos em relação ao processo de coloração e de texturização do ambiente digital. Em primeiro lugar, precisa-se considerar que existe uma recorrência de cores utilizadas nesses espaços ou cores que não ornem com a imagem que o mapa 3D visa atender. Com isso, optou-se pela utilização de uma paleta de cores que visasse abranger a ideia de mapa cartunesco e confortável de ser percorrido pelos utilizadores.

Portanto, a versão final dos ambientes não necessariamente condizem com a representação real dos espaços, entretanto, carregam em si características e aspectos que apresentam semelhança e potencial de identificação dos locais reais, provendo alusão entre o real e o digital.

Figura 15. Modelos implementados ao mapa



Fonte: autoria própria.

Em consonância com a segunda etapa (diagramação dos ambientes), durante a aplicação dos modelos finalizados ao mapa, seguiram a corrente prevista inicialmente, com uma praça central e oito modelos aplicados ao mapa. Assim sendo, é possível visualizar a disposição desses modelos, juntamente com elementos de composição, como placas, lixeiras, faixas de pedestres, carros e árvores dentro desse mapa digital, atribuídos para promover maior imersão ao mapa.

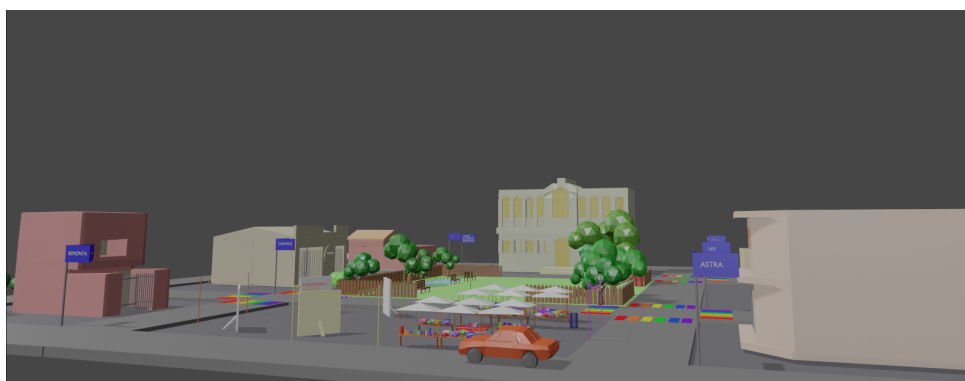
Figura 16. Visão de cima da disposição dos espaços



Fonte: autoria própria

Posto isso, pode-se observar a construção do mapa em atribuição de apresentação dos lugares de memória como atribuído inicialmente, apontando suas particularidades e peculiaridades, frente à liberdade de criação e limitações dentro do processo de elaboração do material. Além disso, aos mapas foram aplicados materiais informativos sobre os ambientes e a história daqueles ambientes que poderão ser observados e lidos através da interação realizada posteriormente.

Figura 17. Mapa



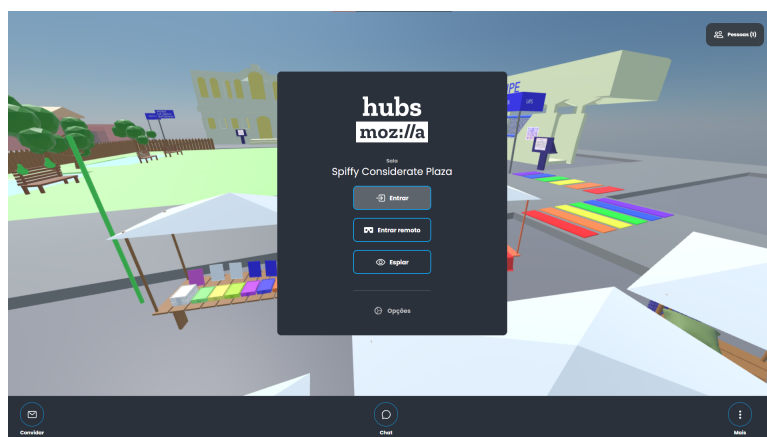
Fonte: autoria própria.

Por fim, atingindo a última etapa do processo, qualifica-se a renderização do mapa, permitindo, internamente ao programa, ter a vetorização do mapa, permitindo a compilação dos modelos criados dentro do projeto do Blender, atingindo resolução máxima do mapa elaborado. Ao qual, por sua vez, permite melhor exportação do material para outros procedimentos técnicos que irão ser submetidos.

4.3 IMPLEMENTAÇÃO DO MAPA

Em vista do processo de implementação do mapa e funcionalidade, a fim de automatizar o processo de busca e de interação, buscou-se softwares que permitissem o percurso por esse mapa, com o intuito de uma produção dinâmica, fluída e interativa. Para isso, encontrou-se o software de produção interativa e colaborativa intitulado de Mozilla Hubs, criado pela Mixed Reality da Mozilla. Um software que permite a criação de mapas com elementos prontos, mas também a criação de salas de interação com mapas criados pelos usuários, existindo inúmeras possibilidades de construção e de interação.

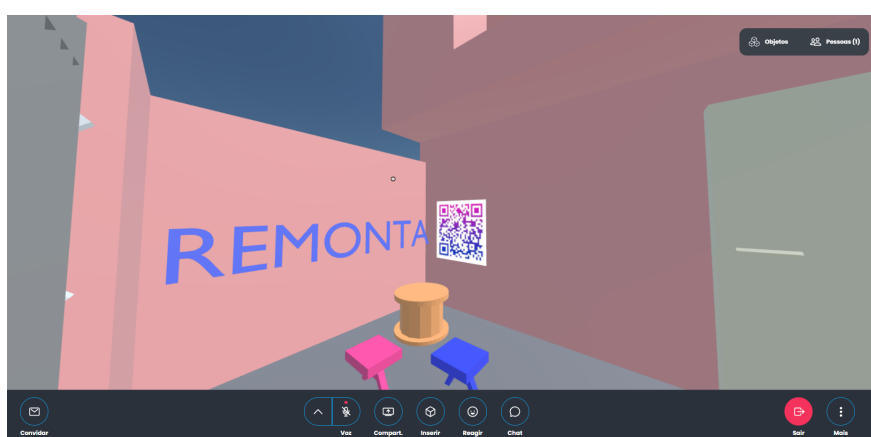
Figura 18. Tela inicial do Hubs Mozilla com mapa aplicado



Fonte: acervo do autor.

Em vista dessa liberdade de criação e de desenvolvimento, a implementação do mapa, inicialmente, foi realizada dentro do Mozilla Hubs, ao passo que alguns materiais foram elaborados e inseridos no mapa apenas após ser introduzido dentro desse outro software. A fim de promover um espaço, não somente de exposição dos patrimônios, mas também de transmissão de informações, utilizou-se alguns recursos dentro do Mozilla Hubs aplicado ao mapa produzido, como a utilização de Qr Codes em todos os modelos, a fim de serem escaneados e levar esses usuários para conhecer mais sobre os espaços em questão, assim como vídeos informativos sobre a história dos grupos, a relação entre história, comemorações e ativismos.

Figura 19. Qr Code aplicado ao mapa no Mozilla Hubs

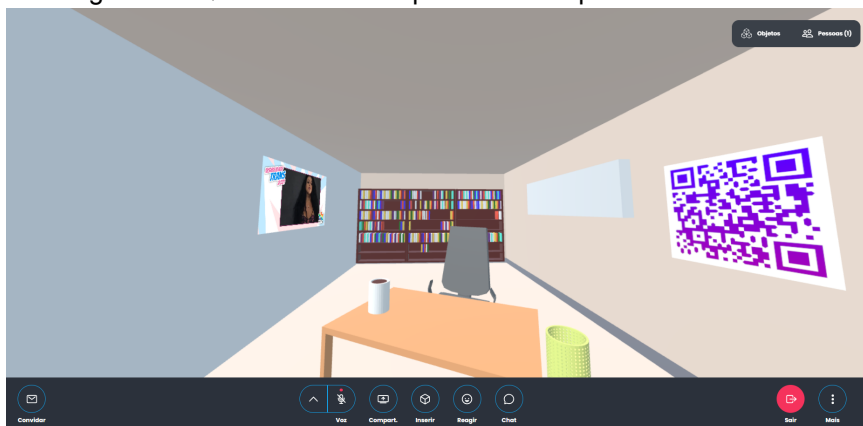


Fonte: acervo do autor.

Diante da utilização dos recursos dos Qr Codes no mapa, entende-se a existência de possibilidades de conexão entre o mapa e os usuários, que passem a compreender aquele mapa como um ambiente vivo e interativo, que se conecte não somente como um espaço de exposição, mas de conexão com a realidade. Isto é,

ao se interessar por aquele espaço, o usuário poderá buscar mais informações, simplesmente, escaneando o Qr Code posto no espaço. Esses Qr Codes, com informações sobre cada espaço foram colocados em cada um dos modelos, com exceção do Museu da Gente Sergipana.

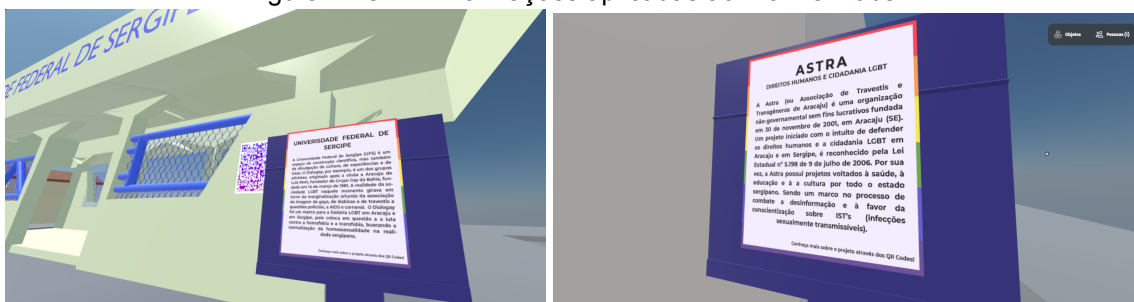
Figura 20. Qr Code e vídeo aplicado ao mapa no Mozilla Hubs.



Fonte: acervo do autor.

Ademais, a aplicação de vídeos aos espaços foi uma estratégia para permitir que o mapa fosse dotado de informações, partindo não somente das elaborações expostas no desenvolvimento, mas também partindo das próprias organizações, via utilização dos *links* e dos vídeos expostos em redes de áudio e de vídeo, como o YouTube.

Figura 21 e 22. Informações aplicadas ao Mozilla Hubs.



Fonte: acervo do autor.

Ainda sobre a conjuntura voltada a implementação do mapa, ocorreu a utilização de peças que expunham a história e as funções desses espaços perante a sociedade, foram inseridas em todos os patrimônios colocados em questão. Com isso, existindo uma dimensão de contato com as informações de forma direta.

4.4 FUNCIONALIDADE

Entende-se a dimensão e a potencialidade de trabalho existente a partir desse mapa, isto é, surge como um mapa que visa considerar espaços patrimoniais atuais de convívio LGBT em Aracaju, porém, atingindo outros fatores, visto que é um espaço digital que permite contato com informações a respeito desse processo, além de permitir interação e contato com diferentes grupos sociais. De certa forma, existem possíveis funcionalidades alicerçadas ao processo de ensino-aprendizagem e fomento de experiências imersivas dentro do processo socioeducacional relacionado à educação patrimonial.

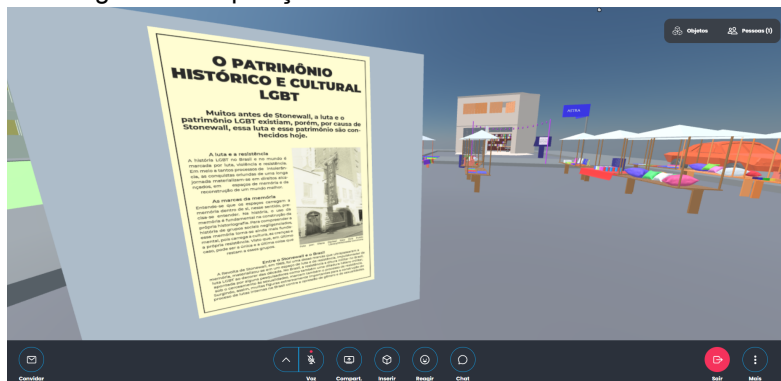
4.4.1 ESPAÇO DE DIVULGAÇÃO DO PATRIMÔNIO E DA IDENTIDADE LGBT

O primeiro ponto está posto na produção de um espaço de divulgação sobre a história, a identidade, a cultura e o patrimônio LGBT de Aracaju. Partindo do suposto que, os espaços que identificam e que constituem um grupo podem ser considerados patrimônios, não necessariamente tendo que ser tombados ou registrados pelo IPHAN ou pela UNESCO. De certo modo, a exposição do mapa por si só já apresenta um processo de dissolução de preceitos e de ideias construídos, visto que é um espaço de observação e de percepção da existência desses ambientes que apontam sua relevância e sua função perante a realidade de Aracaju para com a história LGBT no município.

4.4.2 UTILIZAÇÃO DENTRO DO AMBIENTE DE ENSINO-APRENDIZAGEM: um trabalho histórico, artístico e cultural

Em vertente do processo de ensino-aprendizagem, precisa-se compreender as diversas formas de implementação deste mapa como recurso educacional. Em primeira instância, permite-se entender a relação com a educação patrimonial, perpassando por implementação de conceitos, dissolução de características como a rigidez implementada ao patrimônio material e imaterial. Além de apresentar a relação com a educação social, voltada ao estabelecimento da busca pela ascensão de direitos, promoção de identidade positiva relacionada à população LGBTQIAP+ de Aracaju.

Figura 23. Exposição realizada dentro do Mozilla Hubs.



Fonte: acervo do autor.

Em relação ao processo de ensino-aprendizagem, compreendendo a existência da aplicação em um software de implementação do mapa em espaço colaborativo, podem ser criadas exposições, voltadas à divulgação do material LGBT de Aracaju ou de outros lugares, em substituição ou em soma às exposições já realizadas no mapa, mas também podendo trazer aulas imersivas dentro das artes, da cultura, dos espaços sociais físicos, permitindo reflexões e conjunções entre diálogos que podem ser construídos através da ideia do físico e do digital, por educadores e educandos.

4.4.3 ESPAÇO DE INTERAÇÃO COM USUÁRIOS E LETRAMENTO DIGITAL

Neste caso, volta-se a ideia de que, através do Mozilla Hubs, permite-se a construção de uma espaço interativo, de colaboração, trazendo um ambiente de surgimento de diálogos, de partilha de experiência e de construção de ideias positivas em relação ao público LGBT, não somente de Aracaju, mas de qualquer lugar.

Figura 24. Usuário lendo as informações postas no mapa



Fonte acervo do autor.

A interação entre ambiente, informações e usuários é algo inato de ambientes virtuais que, constantemente, tendem a ser inteligíveis. De certo modo, o mapa desenvolvido e aplicado em ambiente digital objetiva essa tradução: um espaço de aprendizado colaborativo, que perpassa por espaço, mas também pelos utilizadores. Em ênfase, pode-se considerar que a inteligibilidade desses espaços, mas também o processo de mediação dos educadores, permite o desenvolvimento do letramento digital, visto a possibilidade de ensino tecnológico dentro de ambientes digitais que objetivam à educação como finalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de um mapeamento dos espaços de relevância histórica e cultural para um grupo social de Aracaju advém de um processo recente de uma História humanizadora. Notoriamente, os desafios em vista de compreender e de admitir lugares de memória e de histórias recentes como patrimônios são tangíveis, entretanto, o trabalho buscou apresentar esses ambientes como um símbolo de existência e de resistência frente a uma sociedade que busca invisibilizar os espaços de interação e de construção da luta LGBT em Aracaju.

A partir do processo de introspecção neste trabalho, foi possível concluir a existência e a relevância desses ambientes para a comunidade LGBT em Aracaju, como também entender o processo de evasão desse grupo dissidente de outros espaços culturais, construindo uma teia de causa e de consequências, para com o processo de formação dos guetos LGBT, por exemplo. Em virtude disso, elencar os espaços como símbolos memorialísticos, visto que a história faz-se no presente de

interações e de construções, entendeu-se a importância de apontar esses espaços como ambientes patrimoniais, porque carregam em si culturas, identidades e memórias de um grupo que é empurrado ao esquecimento.

Entendendo esse processo, focou-se na elaboração de um mapa digitalizado e imersivo, a fim de buscar um espaço de divulgação e interação para a apresentação dos espaços patrimoniais em relação à comunidade LGBT. A partir disso, ocorreu a seleção dos principais ambientes, diante da compreensão da realidade LGBT hoje em Aracaju. Partindo para o desenvolvimento e a modelagem dos espaços digitalmente, construindo, assim, um mapa digital dos patrimônios LGBT aracajuanos. Ao passo que implementou-se esse mapa a um software que permite comunicação e interatividade no ambiente digital, existindo a divulgação almejada desses espaços, mas também ampliando as possibilidades de uso e de funcionalidade, podendo ser aplicado à ensino-aprendizagem, a fim de promover processos de educação patrimonial.

Ao ser realizados testes de usabilidade desse mapa, entendeu-se um proveitoso ambiente de interação e de comunicação, servindo de espaço de socialização, mas também para promoção de aulas com temática patrimonial, ao que o espaço serviu para um experimento de aula virtualizada sobre Patrimônio Cultural Material e Imaterial em conexão com a promoção do letramento digital de jovens e adolescentes. Em certo nível, entende-se o potencial de trabalho advinda da utilização de recursos digitais para a promoção do ensino, ou seja, a produção do mapa serve como exemplo de atividades inventivas que podem atender a diversas áreas do conhecimento, como tecnologia, história, artes e geografia.

Portanto, a elaboração desse mapeamento e a construção de um mapa digital percorre um processo de evidenciação de um grupo que, ainda hoje, apesar da conquista de direito, é posto à margem da sociedade. Entretanto, por meio de medidas que se voltem a afirmação dessas pessoas, de suas produções, de seus direitos, de suas memórias e de sua história, verifica-se uma oportunidade, mesmo que minuciosa, de se promover novas conquistas, aceitação e respeito por parte de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel *et al.* Do refúgio nasce o gueto: antropologia urbana e política dos espaços precários. In: MACHADO, Carly *et al.* **Dispositivos urbanos e trama dos viventes**: ordens e resistências. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2015. p. 33-54.

AGUIÃO, Silvia. **Fazer-se no "Estado"**: uma etnografia sobre o processo de constituição dos "LGBT" como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, 391 p. Sexualidade, gênero e sociedade. Sexualidades e cultura collection. ISBN 978-85-7511-489-6. <https://doi.org/10.7476/9788575115152>.

AGUILERA, David; ORTIZ-REVILLA, Jairo. STEM vs. STEAM education and student creativity: A systematic literature review. **Education Sciences**, v. 11, n. 7, p. 331, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1175216>. Acesso em 22 nov. 2022.

ANTAS, Ricardo Mendes. **Território e regulação**: espaço geográfico, fonte material e não-formal do direito. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005.

ARAUJO, Fernanda. Sergipe é o quinto estado com mais mortes na comunidade LGBTTs: Ranking mostra registros de crimes motivados pela homofobia no Nordeste. **F5 News**, 2018. Disponível em: https://www.f5news.com.br/cotidiano/sergipe-e-o-quinto-estado-com-mais-mortes-na-comunidade-lgbtts_44355/. Acesso em 7 de Mar. de 2022.

ARAÚJO, Verônica Danieli Lima; GLOTZ, Raquel Elza Oliveira. O letramento digital enquanto instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento: desafios atuais. **Revista Paidéi@**: Revista Científica de Educação a Distância, Santos, v. 2, n. 1, p. 1-26, jun. 2009. Mensal. Disponível em: <https://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php/paideia/article/view/85>. Acesso em: 21 nov. 2022.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. **Por uma Primavera nos Museus LGBT**: Entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país. Museologia e interdisciplinaridade: publicação eletrônica do Pro-grama de Pós-graduação em Ciência da Informação. Universidade de Brasília. Faculdade de Ciência da Informação. – v.7, n.13 (2018) – Brasília: UnB/FCI, 2018- v. 13 Semestral Resumo em português e inglês, p.252-262. Disponível em:< <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17790/16283>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

BERNAL, R. **Imersão evolutiva, arte digital, ciência e tecnologia**. ARJ – Art Research Journal, v.2, n. 2, p. 11-122, 25 set. 2015.

BRITTO, Clovis; MACHADO, Rafael. **Informações e Patrimônio Cultural LGBT**: As mobilizações em torno da patrimonialização da parada do Orgulho LGBT de São Paulo. In: Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 25, p. 1-21, 2020, Universidade Federal de Santa Catarina.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 105-156. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva.

CANDAU, V. M. F. Tecnologia educacional: concepções e desafios. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 28, p. 61-66, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1696>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: volume 1. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHUVA, Márcia (org.). História e Patrimônio: entre o risco e o traço, a trama. **Revista do Patrimônio**, Brasília, n. 34, p. 11-24, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Numero%2034.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2022.

COSTA, Alessandra; SARAIVA, Luiz. **Memória e formalização do passado nas organizações**. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 44, n. 6, p. 1761-1780, 2011).

DA SILVA, C. N.; VERBICARO, C. **O mapeamento participativo como metodologia de análise do território**. Scientia Plena, [S. l.], v. 12, n. 6, 2016. DOI: 10.14808/sci.plena.2016.069934. Disponível em: <https://scientiaplenu.emnuvens.com.br/sp/article/view/3140>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia (S. Rolnik, trad, v. 4). São Paulo: Editora 34, 1997.

DINES, Yara Schreiber. Rua Augusta: imaginários urbanos em diálogo. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 1-8, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.363>. Acesso em: 6 out. 2022.

EARP, F. S. O espectador eventual: notas sobre a demanda por cinema no Brasil. Políticas Culturais em Revista, [S. l.], v. 2, n. 1, 2009. DOI: 10.9771/1983-3717pcr.v2i1.3738. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3738>. Acesso em: 27 set. 2022.

FALCON, Maria (Org.). **Sergipe**: cultura e diversidade. Salvador: Soliskuna Desgin Editora, 2010.

FERREIRA, Adriana. **Preconceito e memória**: por que na escola era tão difícil. In: Revista Escrita, Rio de Janeiro, n. 22, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_escrita.php?strSecao=show12&fas=29054&NrSecao_Art=Artigos&conteudo=28882&NrSecao=11>. Acesso em: 5 mar. 2022

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade v.1**: A vontade de saber. 11º ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. Patrimônio Histórico e Cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FUNDAÇÃO DE CULTURA E ARTE APERIPÊ DE SERGIPE. **Relação de bens protegidos por Leis e Decretos do Governo do Estado**, 2016. Disponível em: <https://www.funcap.se.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Lista-de-Monumentos-Tombados-pelo-Governo-do-Estado-de-Sergipe-ATUALIZADA-2016.pdf>. Acesso em: 5 de Mar. 2022

HAESBAERT, R. Des-Territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no nordeste. Rio de Janeiro, EDUFF. 1997.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACHADO, Rafael dos Santos. **Meseolgia e sexualidade**: imaginação museal e coletivismo lgbt da casamor de aracaju/se. 2019. 110 f. TCC (Graduação) - Curso de Museologia, Departamento de Museologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11633/2/Rafael_Santos_Machado.pdf. Acesso em: 4 mar. 2022.

MANSANO, Sonia. **Sujeito, subjetividade e modo de subjetivação na contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP, v. 8, n. 2, 2009.

MELO, Marcos; COSTA, Patrícia; VASCONCELOS, Michele. **Grupo DIALOGAY de Sergipe**: Desmunhecação e luta contra o HIV/AIDS na década de 1980. In: CAETANO, Marcio...[et al.] (Organizadora). Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI brasileiro (1978-2018), Tubarão, Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018. P. 27-34.

MENESES, U. T. B. de. **A História, Cativa da Memória?** Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], n. 34, p. 9-23, 1992. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i34p9-23. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MENEZES, Moisés. **Os não recomendados**: a violência contra a população LGBT em Sergipe. Sergipe: Edise, 2018.

OLIVEIRA, Antonio; MENEZES, Moisés. **Violência transfóbica contra travestis e transexuais em Aracaju/Sergipe**. In: Conferência Internacional de Estudos Queer/Conquer, Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conquer/2018/TRABALHO_EV106_MD1_SA3_ID205_04032018205028.pdf. Acesso em: 4 mar. 2022.

OLIVEIRA, Gláucia da Silva Destro de. Construção, negociação e desconstrução de identidades: do movimento homossexual ao lgbt. **Cadernos Pagu**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 373-381, 2010. Semestral. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/tBh7XXd8cLd6WMFLbXchYbH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 dez. 2022.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Salvador: Editora Devires, 2020.

OLIVEIRA, Megg Rayra. **Nem ao centro, nem à margem**: corpos que escapam às normas de raça e gênero. Salvador: Editora Devires, 2020.

PEREIRA, Cleyton Feitosa. Notas sobre a trajetória das políticas públicas de direitos humanos LGBT no Brasil. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, v. 4, n. 1, p. 115-137, jun. 2016. Semestral. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/307/168>. Acesso em: 17 nov. 2022.

POLESSO, Natalia Borges. Geografias lésbicas: literatura e gênero. **Revista Criação & Crítica**, 2018, n. 20, p. 3-19. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138653/139437>. Acesso em: 7 mar. 2022.

POLESSO, Natalia. **Você quer escancarar o universo lésbico?**. MAIA, Helder; SILVA, Samuel (Org.). Dissidências de gênero e sexualidade: Percepções da crítica literária brasileira, Salvador: Editora Devires, 2021. P. 15-32.

QUINALHA, Renan. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. P. 15-28.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

RIOS, Maria de Fátima Serra. **Letramento digital no ensino fundamental: a intencionalidade educativa de seu design pedagógico**. 2018. 188 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12122018-151940/publico/MARIA_DE_FATIMA_SERRA_RIOS_rev.pdf. Acesso em: 18 nov. 2022.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória e o esquecimento**: seis ensaios da história as ideias. São Paulo: Editora UNESP, 2010. Tradução de Nilson Maulin.

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016. Tradução de Daniel Moreira Miranda.

SIMÕES, J. A.; FRANÇA, I. L. Do gueto ao mercado. In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUTO MAIOR JÚNIOR, P. R. O 'assumir' na emergência do movimento homossexual brasileiro: Os casos do Somos (SP), Grupo Gay da Bahia (BA) e Dialogay (SE). **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 22, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/9348>. Acesso em: 17 nov. 2022.

WACQUANT, Loïc. **Que é gueto?** Construindo um conceito sociológico. *Rev. Sociol. Politc*, Curitiba,

23, p.155-164, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782004000200014>

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 43-104. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.